

CADERNOS DO SERTÃO



Nº 2 Vol.1

POESIA DO MUNDO



ISSN 2674-7391

CADERNOS DO
SERTÃO

Revista literária e cultural

ISSN 2674-7391

Nº2 Vol.1

Novembro 2023



Textos em português

Feira de Santana, Bahia ,Brasil

Cadernos do Sertão

Revista literária e cultural

Diretor :

Humberto de Oliveira

Projeto gráfico e diagramação :

Ronaldo dos Santos da Paixão

Cadernos do Sertão

Revista literária e cultural

Comitê de leitura

Abdelaziz Amraoui

Aleilton Fonseca

Alessandra Fernandes

Alex Fabiano Jardim

Ana Claudia Pacheco de Andrade

André Gaspari

André Luís Souza Carvalho

Andréia Araújo

Angelo Riccel Piovischini

Beatriz Souza Lima Oliveira

Beto Freitas

Beto Perazzo

Cécile Dolisani Ébousse

Celeste Maria Pacheco de Andrade

Christine Jacquet

Elaine Costa

Elaine Cristina Matos

Eliseu Couto

Fábio Santana Nunes

Humberto de Oliveira

Jéssica Almeida

Jorge Luiz Nery

Jorge Virchez

Julien Dourgnon

Luciana Lima

Luis Resende

Marie-Rose Abomo-Maurin

Míria Gomes da Silva

Nilo Henrique Neves dos Reis

Orlando Sampaio

Pauline Champagnat

Robert Mounouni-Agboke

Rodrigo Pamponet

Takiko Nascimento

Ulisses Macêdo Júnior

**APOIE NOSSA REVISTA
FAÇA UMA DOAÇÃO**

PayPal Brasil :

2008humberto@gmail.com

PIX :

cadernosdosertao.wordpress@gmail.com

RAZÕES DE SER DE UMA REVISTA CHAMADA CADERNOS DO SERTÃO

Cadernos do Sertão está sendo construída para ser uma revista livre e independente a serviço da divulgação da produção artística e cultural de não importa qual sociedade, desde que seja em uma das duas línguas oficiais da revista: o português e o francês, e para isso a revista tem como principal ferramenta a tradução.

E, traduzir, pensamos, é uma das mais humanas e por isso mesmo heroica, tentativa de se aproximar do outro, de tentar criar pontes, através do diálogo, atravessando, na medida do possível, a zona desconhecida e incomensurável da opacidade do Outro nesta embarcação chamada linguagem.

Claro que sabemos dos limites da traduzibilidade, e não vemos como necessária esta busca obsessiva de dizer o outro. Muito pelo contrário, ao tentarmos traduzir, isto é, ao trazermos a língua do outro para outra língua, o que queremos é permitir a este Outro que seja escutado na língua de chegada, na língua de recepção, e assim, seja efetivada a tradução como ponte, passagem entre lugares-culturas distintas e por vezes muito distantes.

Traduzir, para nós, é tornar possível o diálogo na Babel, unir o que antes separava, colocar frente a frente, em condições quase totalmente simétricas, o que parecia impossível ou incongruente.

Enfim, ao enfatizarmos a tradução como método e estratégia de nosso trabalho de edição desta revista, pensamos que agimos para, efetivamente, criar condições para um enriquecimento da cultura receptora e para o conhecimento da cultura da língua fonte.

Por isso, numa orientação benjaminiana, optamos por seguir uma linha metodológica de tradução “que se permite, enfim, perseguir “*um curso próprio de acordo com as leis da fidelidade na liberdade de fluxo linguístico*” (BENJAMIN, apud GENTZLER: 2009, p.221) [...] (*um modo de escrever*) que não deve aliança alguma à fonte, tampouco ao receptor, mas goza de uma espécie única de liberdade. [...] permitindo não apenas “[...] *liberar a própria língua aprisionada dentro de uma obra*” mas também fugir do “*encantamento*” da própria língua” (GENTZLER, op.cit. p.244-245).

Claro que recusamos qualquer proposta pregando uma espécie de hegemonia cultural ou linguística que poderia sugerir uma hierarquização das línguas, no seio da qual a língua francesa seria considerada como a mais prestigiosa, ou a mais elaborada. Tampouco negaremos o fato que durante muito tempo as línguas europeias, a francesa inclusive, tentaram sufocar as línguas dos povos ditos não-civilizados, não europeus e até mesmo daqueles, no seio do próprio continente europeu, que eram considerados não suficientemente “desenvolvidos” ou “civilizados”.

Na realidade, contra um pensamento etnocêntrico que nos indica quase sempre a impossibilidade de encontrar um espaço intermediário entre duas noções aparentemente determinantes (ou A ou B), o que impede toda possibilidade de escapar ao binarismo marcando este

pensamento fundado nas ideias de identidade, alteridade e cultura, onde se ancora uma mentalidade incapaz de se abrir ao Outro a urgência da formação de uma nova mentalidade torna-se incontornável para escapar a este binarismo que condena uma grande parte da humanidade a continuar dividida entre “nós” e os “outros”.

Para escapar destas oposições binárias, uma das mais evidentes soluções, parece-nos, é aquela que nos permite a abordagem comparatista que torna possível a articulação de pontos convergentes, o estabelecimento de relações entre dois ou vários elementos que nem sempre parecem visíveis ou evidentes. Enfim, compreendemos que no aparente caos, no que se chama “crise”, existem inúmeras potencialidades de (re)criar, de (re)pensar, (re)definir não apenas os objetivos, mas de procurar e encontrar os próprios sentidos da existência e, claro, de nossos projetos mais significativos.

Entretanto, mesmo diante desta convergência temática, tratando-se da diversidade das culturas e de suas incontáveis línguas, a ignorância, ou até mesmo a impossibilidade real de compreender e de conhecer estas línguas, podem, por vezes, se transformar em fronteiras difíceis de superar.

É por esta razão que escolhemos a língua francesa enquanto ferramenta privilegiada para estabelecer as pontes entre as culturas mais variadas, as mais diversas, as sociedades humanas as mais longínquas e não menos ricas que puderam ser conhecidas graças à língua francesa tornando possível a transmissão de outras culturas, como a cultura *créole*, por exemplo.

Enfim, se propugnamos a revista como livre é por ser uma revista que quer romper com o pensamento colonial que hierarquiza o conhecimento, etiqueta a produção artística e estabelece lugares pré determinados onde alocar bens, serviços e produtos; que diz o que pode e o que não pode ser, o que combina com quê e o porquê deve “combinar” ou não combinar. Que hierarquiza seres entre mais ou menos, bons ou maus, que se fundamenta na disjunção e assim separa, seleciona, e legitima exclusões...

Que fique claro que se consideramos que a revista deva ser independente, e que deva se constituir um veículo de comunicação que não se filia a nenhuma instituição, nem pública, nem privada, e que, por isso, reivindica para si a autonomia da escolha democrática não apenas de seu corpo de redatores, como também da própria seleção de seus colaboradores eventuais ou permanentes.

Para que isso se torne possível, para que seja realmente livre e independente, é importante que sejam observadas determinadas condições:

1. **sem senhores**, de dentro ou de fora, não precisamos ter pressa. Não somos carreiristas, não temos contas a prestar a nenhum chefe, a nenhuma burocracia.

2. **sem prazos ou metas.** Quantos números terão a revista anualmente? Não sabemos. Tantos quantos forem os textos, os temas, os autores, as propostas, as disponibilidades de revisão e de editoração. Não disputamos espaços, nem pontuação, nem quaisquer outras medidas de avaliação, não concorreremos a nenhuma premiação., não temos nenhuma meta a cumprir, nenhum relatório a fazer.

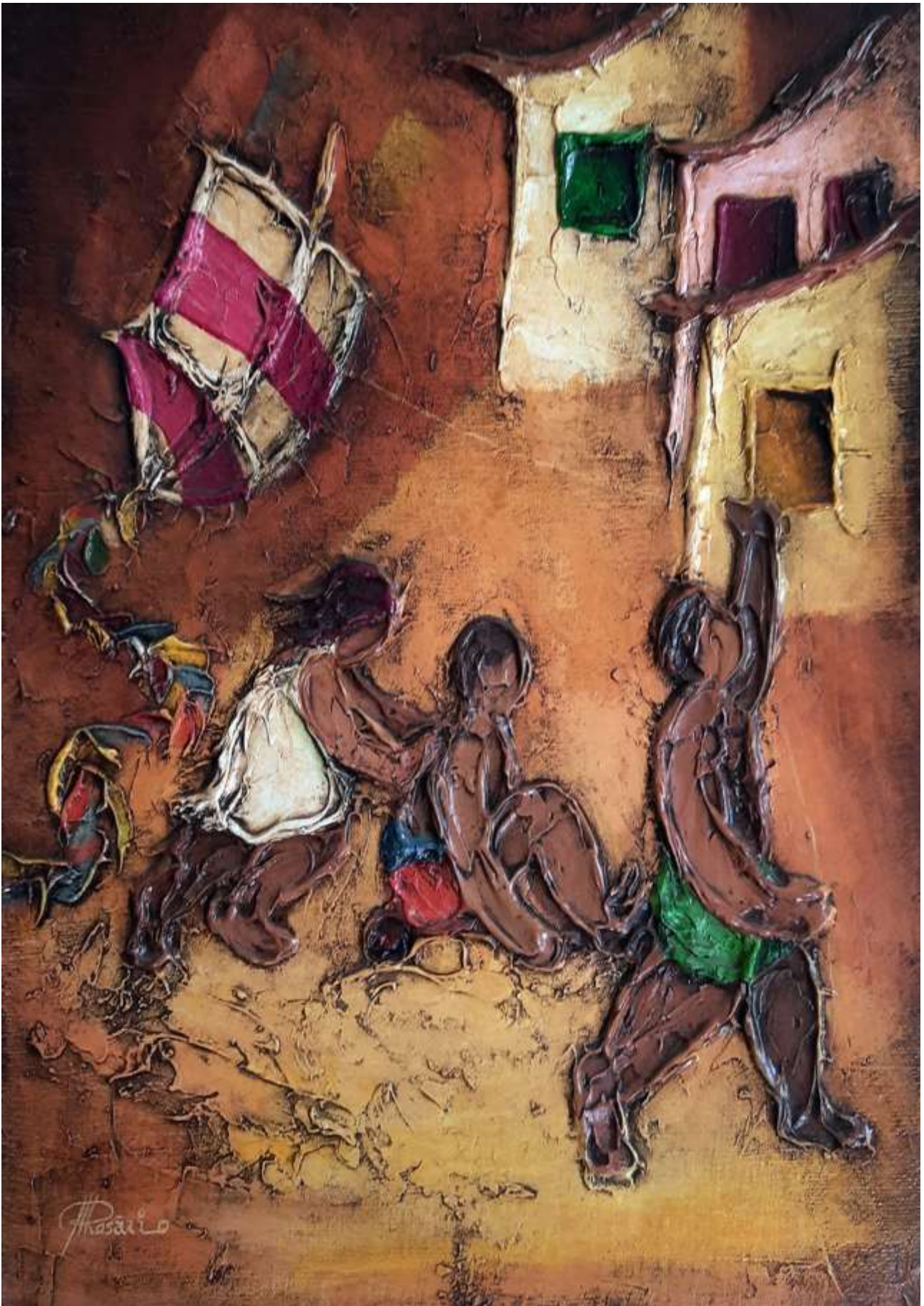
2. **sem a reprodução de velhos cânones que possam legitimar a censura, enfim, com o pleno reconhecimento do direito de escrever.** Consideramos um direito fundamental dos homens e mulheres, desde a infância, o direito de escrever. Escrever o quê? O que quiser. Uma página de um diário? Sim, por que não? Uma crônica. Um poema. Um relato de experiência. Uma receita culinária. Uma mezinha para cura de alguma doença. Um mantra...Um conto, uma novela. Um romance...

3. **Enfim, a revista se propõe a ser como um grande sarau aberto ao público** onde cada assistente possa se manifestar, permitindo a livre expressão das subjetividades...um sarau com muitas e diversas vozes que podem ser escutadas através da linguagem escrita ou imagética, pois também podemos divulgar desenhos, pinturas, fotografias, gravuras...

Não é sem razão que ao ser pensada com o título *Cadernos do Sertão* e ser veiculada *online*, com recursos tecnológicos de última geração, esta revista se mostra como um exemplo de ultrapassagem de fronteiras. Se o nome *Sertão* remete ao mais longínquo, ao mais distante rincão do espaço geográfico, logo longe da modernidade que a vida urbana simbolizaria, no entanto, a revista pode ser acessada em qualquer lugar, não importa onde esteja quem por ela se interesse, e em duas línguas: em língua francesa e/ou língua portuguesa brasileira, e assim, também, supera barreiras, vence dicotomias: é Sertão, sim, mas com alta tecnologia e com acesso tanto às linguagens mais tradicionais, quanto às mais inovadoras, e aberta para o estrangeiro, chegando até o estrangeiro, ao mais longínquo, ao mais distante que assim, pode ser aproximado e aproximar.

Humberto de Oliveira

Redator



Mario Mariano Rosário

POESIA DO MUNDO

SUMÁRIO

POR QUE A POESIA ? A POESIA, POR QUE NÃO ?.....	12
ABDELAZIZ AMRAOUI.....	15
ADY SÁ TELES SANTANA E LIVIANE GOMES ATAÍDE SANTANA	18
ALEILTON FONSECA.....	20
ANDRÉA SANTOS	22
ANGELO PIOVISCHINI	27
ANTONIO BRASILEIRO	37
ANTONIO GABRIEL EVANGELISTA DE SOUZA	39
ASSIS FREITAS FILHO	41
CECÍLIA RODRIGUES MULIECA	53
CLAIRE VARIN	56
DANIELLE FORGET	58
EDUARDO VAGO	61
HORIA BADESCU	66
JOSÉ GERALDO WANDERLEY MARQUES	77
JOSUELENE SOUZA.....	79
LIVIANE ATAIDE SANTANA	84
LUBOMIR GUENTCHEV.....	86
LUIS RESENDE.....	94
LUIS CLAUDIO PARANHOS.....	100
MARIE-ROSE ABOMO-MAURIN	103
MOHAMMAD ZIAR.....	117
MOHAMED MAHIOUT	120
RAMANUJAM SOORIAMOORTHY	128
RITA QUEIROZ.....	138
ROBERVAL PEREYR.....	147
RONALDO DA PAIXÃO	149
WILSON BERNARDO	155
COLABORADORES / COLABORADORAS	158

POR QUE A POESIA ? A POESIA, POR QUE NÃO ?

“Je sais que la poésie est indispensable, mais je ne sais pas à quoi.” (Jean Cocteau)

Poetas de várias partes do mundo, poetas-homens e poetas-mulheres ofereceram seus textos em forma de poemas para ilustrar esta revista, para compor este número que, dedicado à Poesia, parece ir contra a corrente, ou poderia se constituir numa espécie de afronta ao pensamento único vigente que tudo quer tornar útil e urgente, numa obediência eficaz, mesmo se aparentemente suave, aos desígnios desta nova divindade chamada Mercado que traz em sua contraface a Liberdade, assim escritas em maiúsculas, pois valeriam por si mesmas, e que mereceriam todos os sacrifícios dos indivíduos.

Sabemos que, ao oferecer Poesia, estamos indo na contramão da estrada que leva à resignação na vida sem sentido.

Bem verdade que nem toda poesia é convite para a libertação, nem quer, nem precisa ser combativa, há mesmos poetas que se sentem confortáveis no mundo aparentemente sem sentido, pois que fazem um lugar todo seu, bem seguro e preservado dos tumultos do mundo, em seu próprio universo. Mas, não podemos negar que a Poesia tem este extraordinário poder de nos levar ao encontro de nós mesmos, nos fazer escutar os ecos de nossos sonhos, de nossos desejos nem sempre claros e explícitos, de nossas inquietações mais íntimas, e assim nos impele a percorrer este continente imensurável que somos nós mesmos e nos leva à confrontação com nossos “Outros” que nos habitam.

É assim pensando, como se a Poesia fosse uma espécie de contra feitiço, que *Cadernos do Sertão* busca publicar e difundir Poesia. Nós o fazemos na contra corrente deste caudaloso rio que tem levado, nas sociedades contemporâneas e de avançada ocidentalização, à zumbificação das mentes teleguiadas pelos meios de comunicação de massa que, buscando distrair, fingem oferecer erudição, educação, conforto e...terminam por oferecer resignação e o inevitável desencantamento do viver.

Através da Poesia, nestes poemas aqui publicados, queremos convidar para o necessário mergulho dentro de cada ser, para um encontro consigo mesmo. Talvez seja a maior utilidade da Poesia: propiciar o reencontro do indivíduo, de cada um, de cada um(a) de nós, com nossa própria humanidade, iluminando as zonas sombrias do nosso ser, ou como janelas abertas ao vento, soprando a poeira do desencanto, reacendendo o brilho de esperanças e sonhos que, talvez, ainda estejam adormecidos. mas não extintos.

Na esperança de que estes poemas sejam lidos e apreendidos como centelhas de vida sopradas sobre as cinzas que parecem mortas, é que publicamos este poemas.

Nossos mais sinceros agradecimentos a:

Abdelaziz Amraoui (Marrocos),

Ady Sá Teles Santana (Brasil)

Aleilton Fonseca (Brasil)

Andréa Santos (Brasil)

Angelo Riccel Piovischini (Brasil)

Antonio Brasileiro (Brasil)

Antonio Gabriel Evangelista Souza (Brasil)

Assis Freitas Filho (Brasil)

Cecília Rodrigues Mulieca (Moçambique)

Claire Varin (Canadá)

Danielle Forget (Canadá)

Eduardo Vago (Brasil)

Horia Badescu (Romênia)

Josuelene Souza (Brasil)

Liviane Gomes Ataíde Santana (Brasil)

Lubomir Guentchev (Bulgária) (*in memoriam*)

Luís Cláudio Paranhos (Brasil)

Luis Resende (Brasil)

Marie-Rose Abomo-Maurin (Camarões- França)

Mohammad Ziar (Irã)

Mohamed Mahiout (Argélia -França)

Rita Queiroz(Brasil)

Roberval Pereyr (Brasil)

Ronaldo da Paixão (Brasil)

Wilson Bernardo (Brasil)

Agradecimentos especiais vão para a TAKIKO NASCIMENTO que se dedicou ao trabalho de revisão linguística de vários textos, nossos agradecimentos também aos tradutores/tradutoras: Ângelo Riccel Piovischini, Antonio Wilson Silva de Souza, Denise Gurgel Lavallée, Evair Teixeira e Silva, Liviane Gomes Ataíde Santana, Maria José Brust, e aos artistas plásticos GABRIEL FERREIRA, JEAN LIMA, MÁRIO MARIANO ROSÁRIO e PITA RAMOS, ROBERVAL PEREYR E ANTONIO BRASILEIRO, cujas obras ilustram nossas páginas, enriquecidas, também pelas fotografias de ABDELAZIZ AMRAOUI, ANTONIO GABRIEL EVANGELISTA DE SOUZA, DILMA MARIA MELLO, LUIS RESENDE, ORLANDO SAMPAIO, a que muito também agradecemos.

Humberto de Oliveira

Redator



Abdelaziz Amraoui

ABDELAZIZ AMRAOUI**Para minha mulher**

Escolhi
Apenas a ti,
guardar em mim,
Bela,
Rebelde
até meu fim.

Só a ti,
Quero ver.
Só a ti
perceber.
Nadas temas,
A vida a dois faz bem
Vem, cobre-me de ti,
Sê meu teto,
nunca nos sufocaremos.

Segura minha mão
Não lamente nada
Sigamos em frente
O escuro se tornará luz.

É tempo de tudo rever.

Meditar

Nascer...miraculosamente.
Viver...dificilmente.
Morrer...inelutavelmente.
Não ser absolutamente...
Lembranças apagadas
traços devorados,
Homem,
Animal de carga.
Transportando,
Levando seu fardo
Seu fim
O abismo a sua espera...
Meditemos

(traduzido por Humberto de Oliveira)



Jean Lima: Viajante navegador

**ADY SÁ TELES SANTANA E LIVIANE GOMES ATAÍDE SANTANA
EM HOMENAGEM AO PROF. HUMBERTO LUIZ LIMA DE OLIVEIRA**

O professor

O filósofo e sua simplicidade

O homem por trás da luz

Luz da sabedoria

O saber que emerge

Da mente encoberta

Por seus cabelos grisalhos

Como luzes que iluminam

O ser

O Professor

O literato e seus olhares

O homem por trás das letras

Palavras da alma ávida

Pela completude do ser

Pelo aprender a viver junto

Nas trilhas da alteridade

Do amanhecer ao anoitecer



Jean Lima: É sobre saber e ser

ALEILTON FONSECA**CÂNTICO DAS ROSAS**

Rosas,
dai-me a honra de uma prosa,
nesta manhã cheia de sol, pois
minhas vizinhas sois,
de soleira e do coração.
Rosas, sois a minha paixão.
Eu vos trato como deusas
que venero em meu jardim.
Sou vosso fiel jardineiro.
Minha lavra não tem fim.
Sempre vívidas, vividas,
musas sagradas, eu diria,
sempre gratas visitas
que aguardo noite e dia.
Cuidar de vós vale a pena,
cada pétala é como um verso,
cada roseira é um poema.
Rosas, sois de várias cores
como a natureza nos ensina.
Sois rainhas entre as flores,
e dançais ao vento, bailarinas.
Ó rosas, tão formosas!
E estas gotas em vossas pétalas?
Eu pergunto: o que seria?
Talvez, orvalho em lágrimas.
Decerto, gotas de poesia.



Pita Paiva: Moça lendo no balanço

ANDRÉA SANTOS**1.****Amor:**

Uma rosa rubra incendeia os lençóis

2.***Poesia-mulher***

Corpo-mulher

Corpo-linguagem

Travessias femininas

Poesia e mulher

Apagar discursos

Criar atalhos

Desvendar amanheceres

(Re)inventar-se.

3.**Andarilha**

Entre curvas,

Passarela de poeira,

Ela segue.

Ao longe, ecoam os últimos sinos.

4.**Sinfonia das horas frias**

Nos enganos que não plantei,

Vermelhos ferem o ventre.

Germinam silêncios que amparam quimeras.

No borbulhar de taças,

O peso de gozos que calei;

Sêmen, semente, semear.

Nas páginas que teci,

Risos que o assombro apaga.

Auroras não costuram cicatrizes.

No desalinho da cena,

Fios de insanidade desfiguram memórias,

Corpos suspensos no invisível:

Reflexo do espelho.

Na tessitura dos versos,

Sinfonia.

Rosas rubras penetram a página.

Travessias.

5.

Fios de fina dor

Passos nos opacos recortes
Do passado
Entrecortados.
O que fui.
Fios
Fina
Dor.
O que sou:
Fios lambendo a lâmina
Pedaços abortados
Sombras em uma antiga estação.

6.

Fênix

O poema doeu em mim
Nas esquinas dos versos,
O rubro de faces desfiguradas
O poema me libertou
Nas entranhas das palavras
(Re)invento-me.

7.

Cicatrizes tatuam memórias

No dorso do Tempo.

8.

Frutos amargos apodrecem os sentidos

Precipícios e vales e lágrimas
Assombram horizontes
Um cheiro de morte atravessa as fronteiras
Vermelhos tingem oceanos
Imagens fúnebres silenciam sonhos
Silêncios pranteiam a face das paisagens.

9.

Caminhos de pedra

Desfio minhas memórias
Nos caminhos de pedra.
Nos longes da alma
Fogo: estraçalho quimeras.

10. Silêncios envelhecidos

Espiam a passagem do Tempo.

11.***Corpo e alma dançam as breves esperas***

Receios ancorados nas dobras do passado.

Sinos guiam os passos da andarilha.

12.***Costurei os silêncios***

Lacerados pelas gotas de orvalho

Despi-me das máscaras

Recortadas na penumbra

Teci cicatrizes

Nos labirintos da memória,

Sustentei desamparo nas curvas do poema.

13.***Fiz dos muros***

Capítulos de liberdade.

Ou

Fiz dos muros

Capítulos de liberdade,

Do canto,

Luta contra a opressão.

Fiz da distância

Sinfonia,

Canto de todos os povos.

Dos braços erguidos,

Força para quebrar os grillhões,

Do silêncio, Sentido.

Surgiu um rito.

14.***Carrego nas vértebras***

Rumores de pergaminhos

No corpo, silêncio de sinos.

15.***Nos caminhos de pedra,***

Paisagem de quietudes e assombros.

16.***Mulher em dois atos***

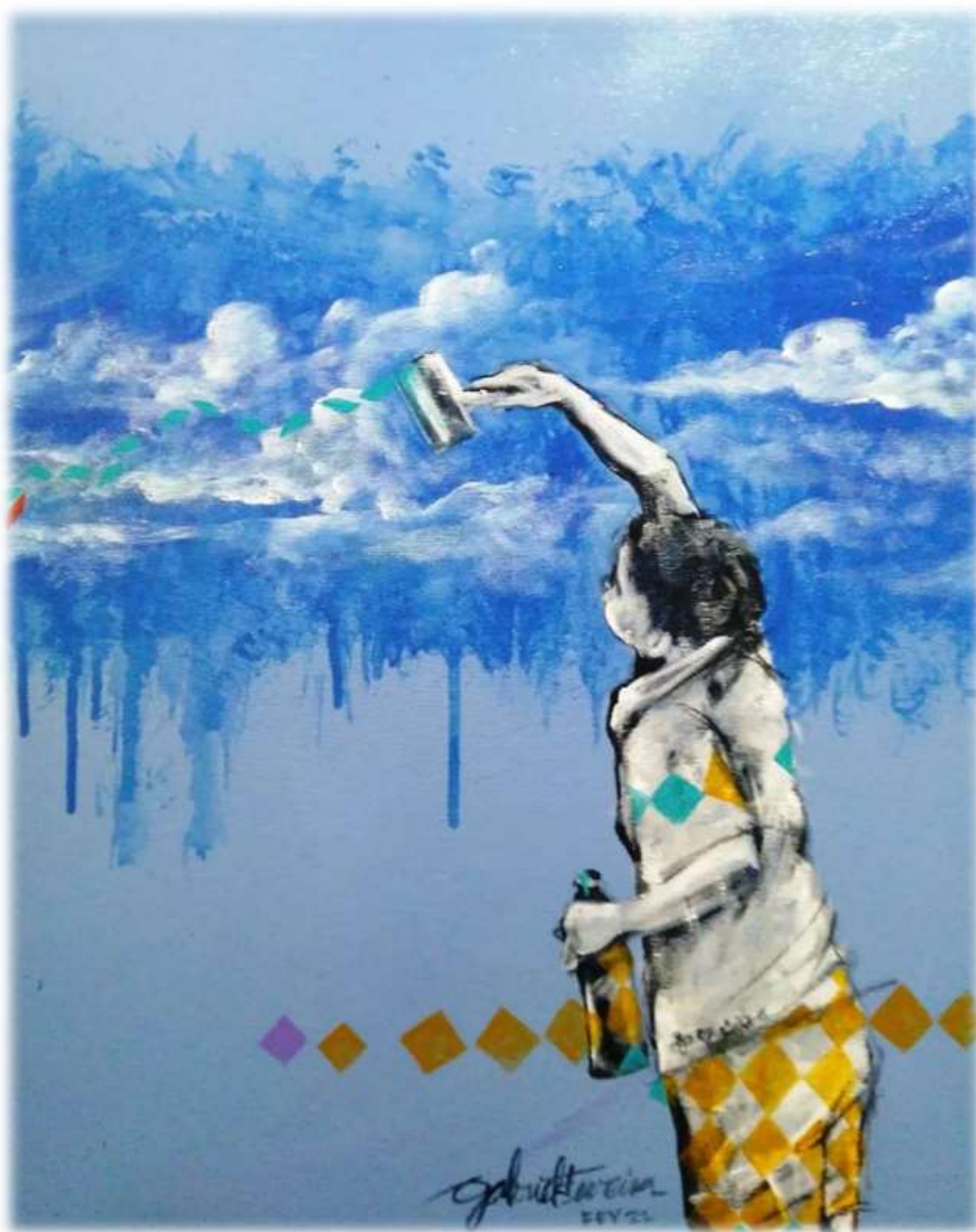
Em meu corpo de mulher,

Há Cios silenciados
Nos lábios, fios de sangue: corredeiras.
Vestígios de cristal.

Em meus seios e curvas: sina de fêmeas.
Na penumbra, bocas sugam meu (des) prazer.
Ao longe, corpos encenam rituais.

Em meu corpo de mulher,
Escuto o aflorar de Cios.
Crio trilhas, desvios: Fênix.

Nos lábios: vermelhos ferem a retina
Seios e curvas: recrio horizontes
Sinas rasuradas.
Cantos: um coro ressoa.



Gabriel Ferreira: Borrão no céu

ANGELO PIOVISCHINI**minha palavra**

minha palavra:
lâmina incandescente,
lança atravessada em meu peito,
espada luzindo ante o sol do meio dia,
adaga que conjuga os pretéritos
da minha carne e do meu sêmen.
minha palavra:
parábola traduzida pelo tempo.
sujeito, verbo, predicado;
adjacências e núcleos de pecados,
cordeiro imolado em apostos,
nomes, pronomes, interjeições.
minha palavra:
infinitivo finito, metonímia,
catacrese, metáfora,
colapso sígnico,
embriaguez semântica;
negra pantera
deslizando sobre a pela noite,
deusa nua sobre a relva ao luar.
minha palavra:
grito dentro de silêncios,
verbo rouco de tanto gritar.

solidão

a lua ao longe mira-me nos olhos
como se eu fosse um poente;
um ocaso louco,
por do sol inconsequente.

ela me lê por inteiro
como se trouxesse
uma adaga entre os dentes
nas páginas lúgubres da noite.

inocente e bela,
a lua deletrea meus hiatos,
declama em voz alta meus ais,
meus gritos agramaticais.

a lua - ártemis indomável,
jacy de mel e fogo,
selene encarnada -
não molha com seu brilho
a minha esperança.

então, deliro embriagado
de meus desejos
cheio de saudade e de medo
em um porto-solidão.

e nesta hora escura,
em que o vento sopra tímido
e a noite é minha locomotiva,
somos eu, a lua, o vinho,
uma ausente presença,
minhas palavras loucas
e a imensidão.

Renasço um dia

um dia, não mais que um dia,
dos meus verbos sobrarão só ossos;
quebradiços, opacos.

um dia, sob a égide do tempo,
os meus versos, não a contento,
serão apenas grave silêncio
sobre a derme da imensidão.

um dia, minha palavra, ninfa nua
sobre um leito de deslembranças,
desfalecerá; não mais brotará
nos elísios campos dos sentidos.

um dia, não mais que um dia,
os meus sonhos se calarão,
quantos ainda temporãos!

um dia, não haverá mais dias ou noites,
nem amores ou paixões.
não haverá sorrisos ou lágrimas,
nem dores, ilusões.

um dia tudo será
apenas escuridão e esquecimento
na grande esfera que também silenciará.

um dia, não mais que um dia,
os meus olhos
se fecharão com o peso de chumbo,
sem demora ou esperança.

e o que restará de mim
se esvairá nas lágrimas vertidas
dos que me amaram.

um dia, não mais que um dia,
solenemente, serei nada.
um dia, não mais que um dia.

pai

o tempo é abrigo
para a saudade que,
indomável e pungente,
se avoluma em meu peito.
é uma saudade que não cessa
banhada nas águas
de tsunamis salgadas
que insistem em escorrer
pelo meu rosto.

olho para nossa casa
sinto-a ainda tão vazia,
tua ausência, intumescente e fria,
ainda me dói.
é impossível
não me lembrar
de velhas alegrias.

ainda escuto tua voz
ecoando alto o meu nome,
escuto as cirandas
que me ensinavas,
sinto teus abraços apertados,
a tua barba me espetando
vislumbro pela janela já turva
meu rostinho de menino travesso.

ainda lembro
das primeiras letrinhas do alfabeto,
dos números contados nos dedos,
mas também, do teu olhar sério
quando eu fazia estripulias,
todo irrequieto,
e do teu colo de leão,
guarida inesquecível,
para me proteger do mundo cão.

esta saudade não tem forma,
mas, se desenha
tão profundamente em mim, pai.
de ti há o que sinto por ti
e um epitáfio já quase apagado,
queimado pelo sol dos anos,
lavado pelas chuvas que vêm e vão
indiferentes à esta minha saudade.

mãe

mãe, quantos de teus prantos
são o leite febril que fertiliza a terra!
quantos de teus sorrisos
são flores de resistência
em meio às tormentas
passadas, presentes, vindouras!

oh mãe, oh mulher, oh grande *máter*
tu estás sempre prenhe de esperança.

em um mundo que ainda supura dor,
tu és alicerce e caminho
para o desabrochar de quem sou.

és vida, que como toda pétala,
sustenta incansável a flor;
força que enfrenta a tempestade
e luta com destemor;
colo que acolhe;
braços que protegem;
olhos que, da dignidade,
herdam toda a cor.

oh mãe, oh atma divino, oh ser cristalino
é do teu ventre - sagrado e sangrando -
que nasce, resiste e insiste o amor.

passagem

o tempo não apaga rasuras,
abre fendas.
o tempo não desmancha amores,
eterniza-os nas paredes da memória.
o tempo não destrói caminhos,
constrói desvios na imensidão.
o tempo, o tempo...
um deus, um demônio,
uma cicatriz aberta sobre a pele
do crepúsculo das horas.
o tempo, o tempo...
uma marca, um sinal,
um vórtice, um vértice
um deus insone
disposto sobre a tessitura
ventanosa da vida.

quando

tempo! tempo! tempo!
de tuas verdades mais duras
a que mais me afeta
é a de saber que um dia,
não mais que um dia,
serei apenas uma ausência;
nada mais que um vulto de nome.
nada mais registrarei
na retina de meus olhos
cansados e torpes.
nem um cheiro bom ou ruim
subordinará meu olfato,
nem um gosto doce ou amargo
penetrará meu palato.
não sentirei o peso
de outro corpo sujeitando o meu
em prazeres cálidos.
não mais chorarei às madrugadas,
não rememorarei minhas paixões,
nem lerei
meus patéticos poemas de amor.
serei tão somente ausência;
ausência, obívio e silêncio.
ah, tempo! tempo! tempo!
tudo se encaixa em tua verdade
inevitável, fixa, inescapável.
por isso, suborno a madrugada
com as cinzas de minhas palavras
e vou me cindindo enquanto ainda 'sou'
e vou me ferindo enquanto escolho lutar
e abro fissuras no massapé de minha alma.
ai tempo, tempo, tempo!
se eu fosse quando!

móbile

sou um meteoro atravessando o tempo:
louco e irrefreável em direção a finitude
sonho com a eternidade;
com o sem fim das coisas cândidas, cálidas e belas.
sou a tempestade amansando feras
sob uma cortina espessa de vento e chuva;
sou a nuvem que se precipita em gotas pesadas,
sou o desejo e a falta, a presença e a ausência,
a saudade e a dor da saudade.

(in)finitude

no fim tudo terá sido apenas o verbo
sem o vestígio de que fora verbo.
tudo terá sido apenas a memória
perdida da memória,
a palavra sem a ossatura da parábola
no eco subtonado do espírito humano.
no fim tudo terá sido sepultado
sob espessas camadas de tempo,
tudo terá sido silenciado
por signos infrassônicos.
no fim tudo terá sido apenas esquecimento;
tudo terá sido apenas o vestígio
sem o vestígio de que fora vestígio
como o olhar agudíssimo
de uma estátua fúnebre;
um anjo de mármore reduzido a estilhaços
penando anônimo a lágrima anunciada
que jamais terá vertido pelas eras e eras.
sim. tudo terá rumado para o fim
na moradia imensamente ínfima.
e no céu do planeta em ciranda pelo infinito
estrelas cadentes rasgarão brutalmente
a atmosfera da grave esfera
sem testemunhas, amantes, trovadores.
sim. estrelas cadentes:
mentiras necessárias
nas retinas possíveis
de nossas verdades.



Antonio Brasileiro

ANTONIO BRASILEIRO***HERANÇA***

Meu filho, não chores.

Há modos de ser feliz

longe de mim.

Não chames meu nome,

meu filho.

Eu próprio hei de chamar-te um dia

e não haverás – te digo – de me ouvir.

Por isso, meu filho,

não chores

pois filho também sou: a mesma lágrima

no olho, a mesma faca

no olho,

meu filho.



Foto: Antonio Gabriel Evangelista de Souza

ANTONIO GABRIEL EVANGELISTA DE SOUZA**ZUNIR**

As vertentes do corpo insinuam
o zunir melífero da noite calma
o sonhar risonho de criança
o som diferente de um trompete
que vara a natureza calma
dos ouvidos mudos.

Suar azougue
Mar e ar
A saudade longínqua não tem nome
Não tem eco.
O que da alma vem
como veio se esvai.

Na língua mãe ou avó
não encontramos
a palavra-espelho
que se saiba de repente
como sorri a alma
verdade clara
dentro do peito



Antonio Brasileiro: três pessoas

ASSIS FREITAS FILHO*poeta não atira palavras ao vento*

Sei que ao longe me levas
E na distância mais anseio
O louvor que me entregas

Deixo escrito o que verga
Neste campear de encantos
A cortejar a silhueta dela

Somente no peito trago
O soluço imorredouro
O mar de infinito afago

Escondo a mão sobre o rosto
Se me dizes que não é fogo
Mas verso dito, verso posto

Último poema os incivilizados do amor

Ninguém se atreve a dizer eu te
amo

Por ora apenas deseje o céu

Aquela nuvem apascentada

O silvo do passarinho insistente

Por ora, o mar se afoga de reticências

O coração se descola das retinas

As coisas vivas estão em minúcias

O amor é um ingrediente

Que você deve evitar nos temperos

Poema de alvorecer

é do pão e do soluço
a matéria que anseio
do raio e da pétala
da solidão e do enleio

do alforje de suspiros
do silêncio do arco-íris
da corrente de incerteza
do corroer de bulício

é ainda do desperdício
este amor que acaricio

Ismaliando

Quando Assis enlouqueceu,
Pôs versos a sonhar...
Via rimas no céu,
Via poemas ao mar.

Neste sonho se perdeu,
Em aliterações que não há
Queria sonetos no céu,
Queria elegias ao mar...

E, no espanto que sucedeu,
pôs-se a fiar estrofes...
Eram sextilhas no céu,
eram redondilhas ao mar...

E como gauche liberto
pegou metáforas a voar...
Queria escandir o céu,
Queria a métrica do mar...

Às musas o desvario se deu
Intentou a nuvem galopar...
Sua sílaba subiu ao céu,
Seu verbo desceu ao mar...

Pôs versos a sonhar...
Via rimas no céu,
Via poemas ao mar.

Neste sonho se perdeu,
aliterações que não há
Queria sonetos no céu,
Queria elegias ao mar...
E, no espanto que sucedeu,
pôs-se a fiar estrofes...
Eram sextilhas no céu,
eram redondilhas ao mar...

E como gauche liberto
pegou metáforas a voar...
Queria escandir o céu,
Queria a métrica do mar...
Às musas o desvario se deu
Intentou a nuvem galopar...
Sua sílaba subiu ao céu,
Seu verbo desceu ao mar...

Estradas que dão acesso a ti

Ocorre-me saber algo policromo
Fantasia feitiço conto de fadas
Margem cristalina
Um pirilampo a tocar a campainha
O soluço do peixe
Toque de nenúfares nuvens
Talvez isso, amor
Aguarda-me
Vou anotar a partilha das flores

P.S.

ela gosta de amearhar jabuticabas
tecer alheamento com as pálpebras
embarcar em epifanias
soprar deidades nas palavras

sabe tatuar uma sinfonia de mahler
encontrar arrebóis nos interstícios
ela provoca urgência nos sentidos
deixa sem rumo a asa do pássaro

ela faz submergir o mar de Andrômeda

não subjugarás
serás humilde com as palavras
aprenderás que o simples
é o esplêndido
terás concentração e disciplina
para carpir o silêncio
e resoluto
irás abraçar a solidão do poema

é obscuro
a lua
o mar
as estrelas
o fluxo do vento
a sereia
o amor que me tinhas
o adágio de mahler
a gymnopedie de satie
o belo
o girassol
os olhos da cobra verde
o amor que me tinhas
o sorriso da monalisa
o que eu já disse
o que eu repito
não são obscuros
o silêncio
a clarividência do fim
não são obscuros
ainda
aquele caminho de Pasárgada
aquela teogonia do caos

o último voo do pássaro blue

eu teria que te chamar pelo nome
mas não aprendi a nomear o vazio
nem a densidade da solidão
a tua tristeza alegre ainda me habita
a missão diária da indulgência
ou a insurreição do silêncio
tenho espantos para te compartilhar
por isso escrevo alvoroçado
e tu sabes os desígnios
sim, isto é um poema de amor

Há muito desisti das verdades
Tudo me é subjetivo
Desde raciocínios e cálculos
Até a hipótese do vento
Estou a um passo do pássaro
Agora só creio em ti
No brilho que emanas
Na sutileza do olhar
Deixai que os sinos dobrem
Estou imerso nos desígnios do amor

ária para suspiro de brisa e carvalhos silenciosos

plantei nenúfares num aquário de sílabas
nos olhos vi pousar uma missiva repentina
de nuvens
ainda assim desejei ilhas
quiçá um promontório
para avistar teu alfabeto de lhaneza



Pita Paiva: África Sertão

CECÍLIA RODRIGUES MULIECA***O Golpe da paixão***

Mesmo não sendo de minha ala
fiz da senzala a minha sala
Beije uma preta
Esbelta de ser
Esbelta de ter
Numa luta entre o que iria acontecer
e o meu querer
As nossas almas interlaçaram
Dzukuravam nas missangas da sua cintura
Esquecia o meu povo
A minha ditadura
Para aumentar a minha tortura
Aquela cor que eu desprezava
Imaginando não ter dor
Afundava minha consciência de ardor
Da cor do pecado
Meu coração cadeado
Só cantava o verbo amar.
Mulata sem bandeira

Mulata sem bandeira

Em todo olhar sou vista
Como a espingarda caçadora
Em choro franco
escuto
Não desista
Mas quem quer saber de mim?
Ninguém me escuta
Se subo no *job* é porque a mulata
deu a fruta
sou o amor da preta e da branca raça
O ódio na mesma desgraça
Mas quem quer saber de mim?



Dilma Maria Mello

CLAIRE VARIN

Máscara mística

Mascarada de noite
ela avança
sombra branca
para o poço do dia
nele se debruça
sem poder mirar-se

faces salpicadas
pela luz insondável
jorrada dos abismos do tempo
vertical
até o rosto
o meu o nosso
mesma pele

ela se levanta
vê nas Trevas
crê na grande Claridade
desde tempos deflorada
se oferece em sacrifício
para acalmar a dividade
continua mascarada
pudor e disfarce
incógnito no carnaval terrestre
feira dos mornos
festa dos consumistas
bazar dos atormentados
baile dos assassinos

agente secreto para a morte
ela espiona os desejos místicos
na galeria dos monstros
no mascaramento do mundo

ela voa sob o vento
apaga os traços
suspende a máscara
imola a Grande Ilusão
desperta entre os vivos
fora da morte

(traduzido por Humberto de Oliveira)



Foto: Dilma Maria Mello

DANIELLE FORGET**Urbanidade**

A cidade nessa abordagem

Movimento da pupila

Precipitada de reflexos de tanto esfregar

A calçada lá adiante

Coberta de vapor e subterrâneos onde a passagem está lotada

Vestígios do exílio

Saltitam por trás de tua fronte

A dúvida se insinua no percurso

Quando a retenção de ruídos

Pesa nas fachadas

Repentina vigilância do longínquo

E a bruma sobre o olhar

Apesar das unhas polidas

Os cabelos domados

O ritmo enquadrado

Uma subida uma virada ceder a passagem

Não se perder no cruzamento

A travessia

dos outros

Uma rádio derrama a cor de um dia a pintar novamente

Cabotina o transeunte, você escuta?

Azulando a poeira através

Do para-brisa atordoado Nenhuma margem à vista

Moleza

Do trajeto ele relaxa Se veste dos clamores

Fileira de tags

Os muros suspiram sem fim

Teus passos enlaçados

Procuram o bueiro vivo

Sim respira a cidade a plenos pulmões
Nicotina ruídos de metal
Graxas sobem nas paredes
A multidão mutante retira sua capa
ombro a ombro diminuindo o ritmo
Uma estória a narrar Sem fim nem moral
Se insinua entre as calçadas
Um filete de alta onda
Prende sua pena aos teus desejos
Tua voz se faz desmesura
E através de ti escorre esse perfume de outro lugar
A cidade saciada relaxa

(traduzido por Maria José Brust)



Jean Lima: Dendê, ouro líquido

EDUARDO VAGO*Na ponte de ferro*

De um lado é a Bahia
de outro é Alagoas
de um lado é uma pobre aldeia
de outro uma venda cheia
de gente e quinquilharia

Mas o que une
os dois lados da ponte de ferro
são seus secos barrancos
de onde braços emergem
cheios de ósseos dedos
se erguendo e resistindo
ao calor que estão sentindo

(mesmo que as águas gentis
ainda tornem alguns
verdejantes de alegria
os dando de beber)
E por falar nessas águas
Que tanto abençoam o sertão
E correm de onde estão
Para se agarrar com o Atlântico
É corriqueiro eu pensar nelas
E na causa de sua grandeza
Que não para nem tomba
(Mesmo que possa fazê-lo
Diante de tudo que acontece)

Será a chuva a causa dela?

Que amamenta e abre espaço

tanto como um vento feito de aço?

Ou o Minhocão que foi dar passeio

com volta perto da ida

moldando um caminho?

Ou foram placas da Gondwana

que formaram seu curso

moldando seu atual vale?

Ou foram lágrimas longas

de cunhãs abatidas

que deram tanta fortuna?

Buracos de estrada

A conectora em má conserva
até que tenta, mas não aguenta
sua função de serva
E já sem estima
Faz atitude nada bonita:
Abre bocas e muito grita
Pra quem passar por cima
Ora abre tão discreta
Que cospe as rodas passantes
Ora abre tão afobada
Que as captura em instantes
Enquanto os vizinhos do acostamento
despejam farelo sertanejo
Pela busca de um débil acalento
Para o estradeiro desejo
E a própria necessidade
Mesmo que o sonho dessa fome
Seja bolo seco e cinzento
Infenso à perenidade.

Fogueira de rua

Na noite junina
Os vizinhos acendem chamas
Que ficavam sobre madeiras
Nas frentes dos casarios
Lançando luz quente e calor
Por seus arredores
E quanto mais as queimavam
mais se empolgavam
e isso demonstravam
espirrando pela pele de luz
Com a qual soltavam
suas estrelas alaranjadas
que se apagavam ao vento
antes de subir ao encontro
de suas semelhantes pálidas
Com a qual dançavam discretas
ao som dos fogos barulhentos
e exalavam névoa de cinzas
até amanhecerem sumidas
deixando como único rastro
o resto de seu consumo

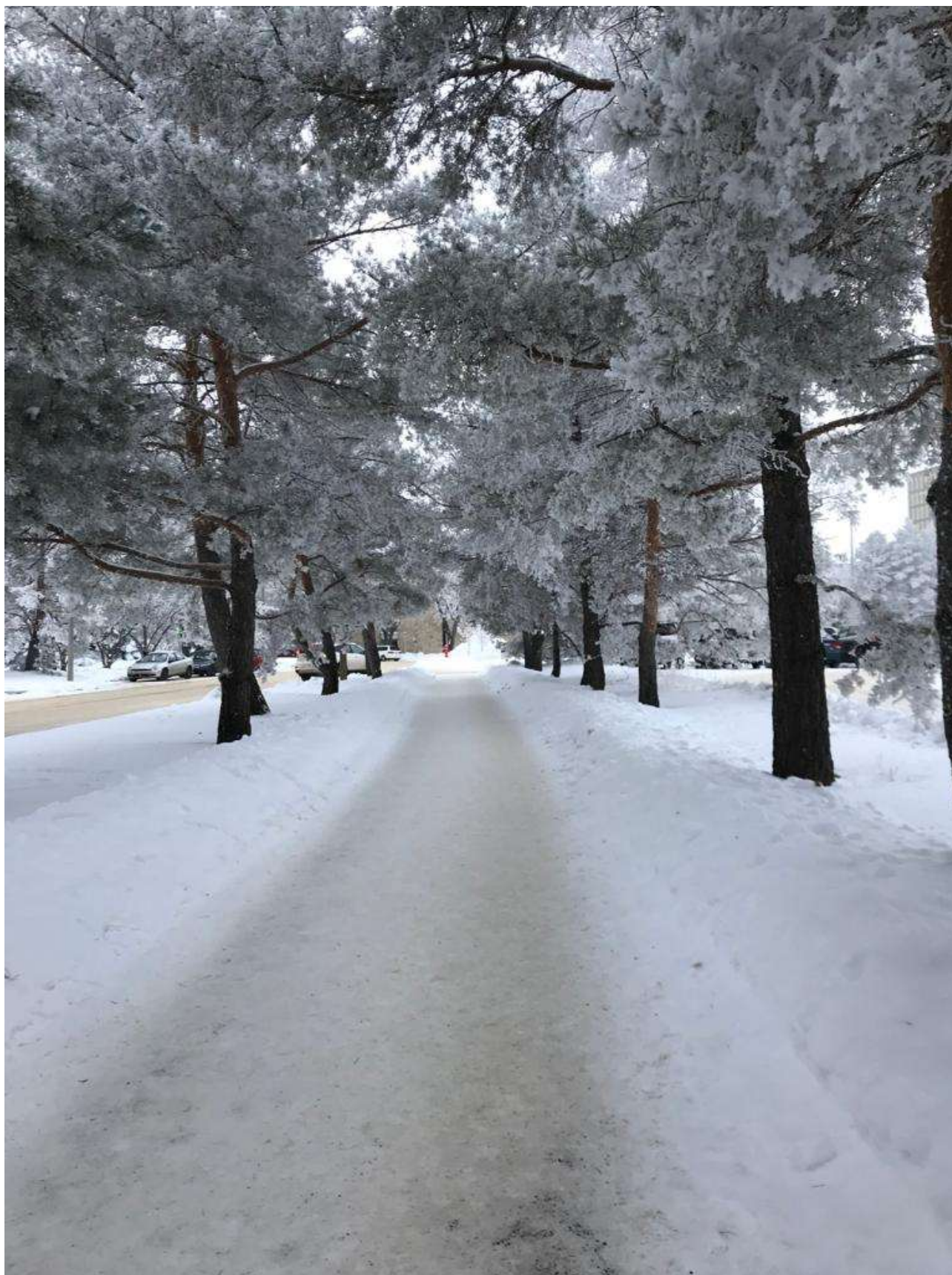


Foto:Dilma Maria Mello

HORIA BADESCU***Dias de inverno***

o dedo no gatilho.

Ausentes: as coisas,

os céus,

os homens!

Geladas estão as mãos

do instante, e teus dedos

transidos

de onde pendem

fragmentos de arame

farpado,

geladas as chagas de tuas

palmas. Tu poderias ver

o sangue do pássaro

sacrificado nas

casamatas do inverno.

Tu poderias ouvir

a migração de tua

semente até as

areias do nada.

Uma onda de horror

chicoteia tuas entranhas

a baba dos cegos

escorre sobre a face

do amanhã.

Os dias estão velhos

Desde agora.
Neva como no primeiro dia
depois do Gênesis.
Neva como no sono das crianças e
dos camponeses mortos,
Neva com placas de luz, com
lágrimas do céu
e soluços da terra,
neva desde o não-tempo e o não-mundo
e o sem-ti.
Amanhã será o segundo dia,
depois outro,
e outro, ainda,
mas vai nevar
até a extremidade do termo
e até muito além.
Hoje é o primeiro dia,
depois do Gênesis ;
Os outros serão velhos
desde o presente.

E de repente

mais curtos se tornam os dias, e tu
não consegues entender
que a luz
está caída
e dela mesma
se afasta,
e de repente tu a vês ao fim
das coisas,
o fim que agora é também o teu,
apagando com sua escuridão absoluta a memória da sombra que sustenta tua vida.

Ela está no interior de ti como o céu
no interior do pássaro,
impossível questionar as asas sobre
o abismo -
passagem de cruz na água,
sua crucifixão entre duas
tempestades -
impossível de ensinar o terror da queda:
nada mais que a memória
do vazio.
Ela está no interior de ti
como o céu
no interior do pássaro.

Um dia habitado

outrora;
contudo, o caminho
tu não te lembras mais
nem como segui-lo,
estranhos agora são a teus pés
os traços
estranhos os quartos onde a única sombra
lambe a face do esquecimento. Um dia habitado
outrora;
amanhã a poeira de quem nele encontrará
seu alimento ?

Da poeira sobre a face
do espelho,
assim como a mão
do anjo tocaria em tua face
a erva da luz
e que além de sua sombra
poder-se-ia ver
a pele
transparente do céu e o oceano de
negro
além do qual se detém
a via sem fim
que conduz para onde
não começam nem
dia nem noite,
enquanto que o corpo
não é mais que um caminho
de roça sobre o qual o
vento varre a poeira caída
da vestimenta
do nada.

O mais sozinho não é

o mais solitário do universo
mas aquele em cujo mundo
está vazio de mortos.

Feliz seja tu
cuja alma está
preenchida de mortos.
Estão todos lá, mais
vivos
que nunca.

Feliz seja tu, tu
cujo mundo sustenta
a terra de uma
noite e a
tempestade de um
dia onde para eles
mesmos

eles se encontraram ;
e o instante que se apaga
tempos depois,

quando a sombra terá
conquistado para eles
do território onde eles
aos deuses estão aparentados !

ainda um dedo

Eles estão mais vivos
que nunca,
eles são a vida

que te sustenta
e te devolve a ti mesmo,
estão vivos
e tu és aquele
que além da porta
da solidão os carrega,
tu, que ressuscitarás
um dia, tu também
sem saber quem será aquele que te levará do mundo, por sua vez.

Como um grão de areia

no meio do deserto,
tu esperas.
Ao teu redor tudo é escuridão,
só este halo de luz
em tua volta, só este
halo de luz
e teu olhar
que dele mesmo se refaz.

Tu estás lá
no deserto da cena :
tu o esperas.
Ele vem de nuvens
da terra, ele vem,
o sofrimento, de parte alguma
e de todo canto :
de tua alma.
De teu sangue,
de tua carne.
De ti, ele vem, o
sofrimento de outrem, homem
que espera no meio da cena
de ser,
de ser ele mesmo
e digno do que é mais forte que ele,
e de sua essência mais essencial.
Tu esperas que ele esteja lá,
o anjo que vai
te anunciar que tua alma
está bendita
e tu vas carregar em ti,
o sofrimento
que dele mesmo
espera.

Bendito seja aquele que escala o Gólgota do dia !

Bendita seja a luz
que provém de suas
feridas

e envolve tua carne

e o coração no qual
se batiza o núcleo
do mundo !

Bendita seja ela,
a lágrima que sela
a boca do deserto,

o sempiterno onde se apoia
o canto da profundidade
enquanto que o além está aqui
e acende a vela
na cabeceira da morte !

A aranhazinha

que labuta
na produndeza de teus
olhos ;
em sua teia se adiantam
os ponteiros do retorno.
Na terra queimada da
hora o frescor do
talo do capim diante das portas
du sangue. O próximo e o signo :
quão pouco numerosos
foram os dias tranquilos !

(traduzido por Humberto de Oliveira)



Pita Paiva: Tá caindo fulô

JOSÉ GERALDO WANDERLEY MARQUES***PRIMEIRA CANÇÃO DE ANNIE ERNAUX PARA O SEU JOVEM AMOR***

Meu jovem amor
Escuta a voz
Da tua amante mais velha:

No nosso abismo etário
Há um nítido anoitecer:
Será que tu não vês
Que há muitos dias
As estrelas não mais acendem
E o sol é apenas pálido?

Havia estrelas em cio
No céu da noite
Em que te conheci
O luar cúmplice sorriu
E o tempo deixou de existir

Nós parecíamos crianças
Da mesma idade
A colher flores cultivadas no jardim
E flores silvestres nas campinas
Para nos oferecer um ao outro

Até que percebeste
E eu também percebi
Que a paixão nos enganara:
Pois enquanto celebravas primaveras
Em pleno outono eu já estava



Gabriel Ferreira: Sanjuão

JOSUELENE SOUZA***Fluidez***

Somos seres fluidos
como água que corre para o mar
Somos fluidez de falas
As falas são fluidas.

Fluidos são os rostos na multidão
Fluido é o caminhar no chão
O caminhar é fluidez sem raiz
Para fixar em algum lugar.

A fluidez espreita cada ser na calçada
Os fluidos vagam sem direção
Desfaz-se rapidamente no chão.

A fluidez marca seus rostos
Marca seus corpos
em estado pálido, cálido, fálido.

Somos seres fluidos
como a liquidez da água
Somos seres líquidos
de uma sociedade líquida.

Líquida sociedade
Liquidez total
Sem solidez.

Falas líquidas
Corpos líquidos
Seres líquidos.

(IN) CIVILIZADO HOMEM

Somos homem civilizado?

Somos homem incivilizado.

Somos aquele ser:

Podre

Fétido

Mesquinho

Insólito

Verme roedor.

Somos homem primata

Que vive em uma selva de pedras

Somos uma selva de ignorância

Somos uma selva capitalista

Somos bestas

Bestas somos

Vivemos na (in)civilização

Da civilização capitalista

Somos capitalistas na cultura

Somos capitalistas na Educação

Somos capitalistas sem educação

Somos homem civilizados?

Civilizados somos?

Que nada de civilização

Somos incivilizados de corpo e alma

De alma e corpo.

AUTO-RETRATO

Sou mulher:

Ser frágil em sua incompletude

Ser forte em sua completude

Sou mulher:

Ser forte em suas batalhas da vida

Sou mulher:

Em seus encantamentos e desencantamentos

Sou mulher:

Ser ora incansada

Ora cansada

Sou mulher:

Ser libertária

Sou mulher:

Ser geradora de outro ser

Sou mulher:

Ser com vontades e desejos

Sou mulher:

Ser mãe

Ser amada

Ser amante.

Sou mulher:

Ser de liberdade

Ser de amizade

Ser de lealdade

Sou mulher:

Ser fera

Ser animal

Ser angelical

Sou mulher:

Ser das fusões

De Afrodite

De Atenas

De Artêmis

De Vênus

Sou mulher:

Ser de uma junção de todas as mulheres:

Cleópatra

Helena

Maria

Paraguaçu

Xicá da Silva

Anita Garibaldi

Dandara

Maria Quitéria

Sou mulher:

Ser mitológico

Ser angelical

Ser guerreiro

Guerreiro ser.



Jean Lima: No tempo de mainha

LIVIANE ATAIDE SANTANA***FRANCOFONIA, NEGRITUDE E POESIA***

Existe um laço
Entre todos os continentes
Um som que é partilhado
Entre muita gente
Que serve ao mais belo discurso
É uma única língua!

Sim! Uma língua europeia
De origem, de nascimento
Mas a África também dela se apossou
E Senghor a sua difusão praticou
O francês de um povo em efervescência
Literatura, cultura, calor em abundância!

As Antilhas ganham um grande poeta
Os escritos de Césaire são de puros amores
 Ou serão de dores?
Caminhos de esperança, nostalgia e viagens em si
O Hexágono está todo cercado
De um francês único e tão variado
Além dos mares, vê-se o francês em letras, sons, cores e liberdade!

O guianense Damas nos brinda com seus escritos
Pela causa negra em prosa e em poesia
Com Aimé e Senghor, ele toma uma importante atitude
De fundar o movimento da Negritude
Assim a cultura negra é bem valorizada
Em países africanos e em toda terra povoada!



Gabriel Ferreira: Dá um corre

LUBOMIR GUENTCHEV**1**

Para alguns amigos

Vós sois responsáveis
Companheiros, vós que outrora barulho fizestes,
em todos os cantos, ruas e praças,
Quem, para partir, um pequeno espaço tivestes,
Ó vós, todos, velhos ingênuos, eu vos direi vossos lamentos:

vós que usastes forçosamente lentes escuras,
Para olhar em escuro vosso imperfeito mundo
Vossos senhores vos oferecem outras
bem mais coloridas
Para ver - de longe- em rosa, um fictício, dito perfeito.

Vos que dissestes “ quanto pior irão as coisas,
Tanto melhor será para nossa grande
causa;

Nosso dia não está longe - tomaremos
o leme”.

Carregando sob o braço, o pão, jogastes pedras,

nos patrões, gritando: "Pão! Liberdade!"

E emprestastes vossas costas aos
mentirosos arrivistas.
Vós criastes estes impostores-profetas
Que vos tapam o bico para melhor vos manobrar,
o desde então vos fazendo suspirar

Camaradas, derramai cinzas sobre vossas cabeças,

Usai a roupa do honesto penitente,

E pedi perdão, procurai reparar!

Um ditado

Um ditado ficou dos tempos passados:

cabeça que se inclina nunca será cortada,

pela lâmina será sempre poupada -

esta é a máxima dos bem intencionados ;

E é a mais sã filosofia :

por que se esquentar, porque se indignar ?

Se sempre a vida foi assim,

Melhor sempre dizer amém.

Mudado em um perene medo

o resto de uma longa servidão

serviu a nossos governos- tutores

A nos fazer aceitar suas torpezas ;

« este povo tem alma de escravo », disseram

-cederão para não se chatearem.

Os aproveitadores vindos no furgão do Estrangeiro

Temendo quase tudo e até o nada,
Em todo canto temendo a vida,
de muros e guardas devem se cercar,
e a todos o sombrio e altivo olhar lançar

Têm um grande patrão aos quais bajulam,
Os melhores frutos de nosso solo lhes oferecem
A ele se mostram os mais bravos lutadores
e nos arrastam em sua charrete servil.

Valentes cavalheiros da soberana justiça,
a ninguém respeitam os direitos humanos,
a cada um pretendendo impor o destino.

Mas, nunca podem estar na concórdia,
pois os celerados têm os instintos da horda,
sobretudo quando se trata de dividir o butim

OS CAMALEÕES

Estão em toda parte, pois são numerosos,
Mas quem pode facilmente reconhecê-los ?
Atrás das cortinas e das janelas,
são vigilantes e cuidadosos ;

São gente prática e prudente,
A toda hora farejam a atmosfera,
Pressentem mudar as coisas da terra,
Mudam rápido, também eles, como o vento.

Sem parecerem frágeis ou covardes,
Com todo mundo se mostram afáveis,
e mesmo preços se dizem livres ;

Sem dramas de consciência
dobram-se à vontade de qualquer superior
Bravos camaleões de toda espécie !

2 AS ARMAS MAIS PODEROSAS

Nem toda arma é usada nas mãos,
variam segundo o lugar, o instante,
e o serviço a ser executado,
mas, sempre seu fim atingem, inevitavelmente.

Mas é sobretudo a mentira – ousada, multiforme
Veneno invisível, sem parar, destilado,
em várias formas nas mentes instilado,
Noite e dia a se derramar em jatos sua massa enorme ;

É também assim o assédio em seu natural -
Por vezes simples ameaça e sempre violento-
Ou vos fecha a boca, ou vos leva ao chicote.

Menti! Menti ! ainda ficará alguma coisa !,
Constrangei, constrangei, é pela boa causa !
Para isso, vós tendes os devotados cães de caça !

A MENTIRA

Sou eu, a Mentira, estou em todo canto ;
disponível em toda as bocas ;
eu sou o mundo – inteligente e louca.

É para mim que primeiro a criança é instruída ;
Sou a autoridade sobre qualquer cátedra ;
Sou sagrada na Ordem militar ,
Reino sobre o tapete verde dos poderosos ;

Estou no romance da vedete,
estou no sorriso da tolinha,
e sempre nas promessas dos amantes ;
Sou a melhor arma na vida
Na amarga mão da Demagogia
E na balança do comerciante !

Glória a Ti, Mentira, no mais fundo do abismo,
Glória e louvores a ti-enorme, monstruosa !
És o grande mestre- não importa o lugar e a hora,
És o grande meio – e por isso és estimada.

Uma nova religião

Com a autoridade de uma religião
uma doutrina no mundo se espalha ;
insolente, agressiva e contagiosa
Ela domina a mente, impede outra visão ;

Tornar a humanidade num só triste rebanho,
Para seus profetas, é o ideal esperado ;
com a fé absoluta e dogma severo :
pretende libertar o homem que submete...

Religião sem Céu, este erro de nossa era
A seus terrestres deuses, ruidosamente adorados,
Que a cada volta ela joga por terra.

Se não for tarde, desta aventura fatal
o pobre mundo deverá libertar-se
Povos, preparai-vos para esta luta final !

(traduzido por Humberto de Oliveira)



Foto: Luis Resende

LUIS RESENDE***SE ÀS DEUSAS FOSSE DADA A TERRA***

(À Zoraide Portela)

Até que meus cabelos alcancem o firmamento,
as hordas que abarcam o meu pensar
caem como gotas suaves do valioso petróleo,
esparramando na terra a semente da resistência,
consequente, permanente, fremente.

As pernas embarcam entre o ouro preto,
encaminho minha voz, silenciosamente gritante
ao lugar do desejo, livre, libertário...de mulher.

Mãe de sempre, que impõe robustos destinos
em forma de suave cantar.

Nas veias da vida que se instaura, se denota,
nas sombras que perpetuam a presença do meu tom,
ritmado pelo tambor, ordenado pelo atabaque,
enviesado pela natureza da cor,
imponho o eu,
o existir de punhos fortes contra silenciosa opressão.

Embainho minha incortante lâmina que carrego
na alma, no suor, no sangue, pois sou aquela
que conhece o gosto da injusta história
que impuseram na minha brilhante cabeça,
sem perceberem que construo, com ardilosos adubos,
a planta que semeio,
fincando as raízes capilares,

no solo infértil que me deixaram,
as amarras da minha,..da nossa, identidade.

Já não quero mais o paraíso...

AS MULHERES QUE NOS HABITAM

Tenho no sangue

as peles que douram o sol,

as marcas que acasalam

imensuráveis desejos de fazer viver

vastas guerras, grandes lutas, outras guerreiras,

a empunharem suas lanças contra vis destinos,

e dando voz a resistência de luzes,

de suor, lágrimas, sorrisos, encantos.

O canto da selva, a lama do asfalto,

o barro do barro são armas eternas

da enternecida batalha da nossa coadjuvância

a alimentar aprazeirados sonhos, dando vidas a vida,

memórias a memória, lugares ao lugar,

no turbulento mar da existência.

Barcos esculpido das ternas mãos,

remos talhados no tronco com meigas palavras,

bússolas direcionadas pelos cabelos ao vento,

contam a nossa história...uma identidade.

E mesmo com o ar se abrindo em veredas

que levam as amazonas nossas a um paraíso, não faltarão soldados de escudos, armas

...e alma feminina.

AUTO-RETRATO

O espelho não me suporta mais,
mesmo sabendo que nunca o amei,
passando pelo seu estático lugar
orgulho sobrepõe a vaidade,
E se fora barco, aquilo não era cais,
e sendo objeto, não serei desejo.
pois em mim, a mim não almejo.
Pelos bosques da solidão,
desfaço a mortal multidão
e sonho um novo alvorecer.

O espelho já não me olha mais,
A pele escamada pelo seco tempo,
as lágrimas ceifadas de umidade,
corpos que se quebram em trincados ossos,
estranhos rostos que passam desconhecidos,
inebriados pelos sofismas latentes,
e que não mais reconheço,
incompletas cartas sem endereço

O espelho não quebra mais,
eterno vive a testemunhar as almas perdidas,
e inúteis ideais devorados, torturas suaves revividas,
de roupas atemporalmente encardidas,
passos outrora celeremente doados

hoje, inconscientemente despedaçados,
em pontiagudos e escalavrados pedaços
a cortar a ousada carne que resiste.

O espelho, porém, não espera mais,
abdicar-se da incólume existência,
buscar da mudança suposta nuance,
ressuscitar o apreço pelo conveniente zelo,
obedecer às variantes do sutil divino,
até que, de um, saia o impossível outro,
a desvendar todo o humano segredo.

O espelho não saberá jamais,
o que teluricamente nos espera,
Até que a sua esplêndida luminosidade
se entrelace com a recôndita pedra.



Pita Paiva: Tiê-sangue

LUIS CLAUDIO PARANHOS*Assanhaço*

Canta Assanhaço
Cuida dos teus filhos
Vigia o bicho homem
Que espreita escondido
De longe e tão perto
Foge do seu abraço
Porque ele é sorrateiro
Não voa como tu
Mas move-se ligeiro
Camuflando o laço
Fingindo bondade
Sendo tão falso
Vê lá do alto,
Assanhaço, atenção!
Homem não é pássaro
É bicho preso
No chão...

Que nem passarinho

Passarinho já está acordado

Não deve nada a ninguém, nada...

Nem tem trabalho

Na manhã ensolarada

Não fica parado

Já está batendo asa

Olha o homem lá embaixo

Canta, canta, dá risada

Homem está sempre atrasado

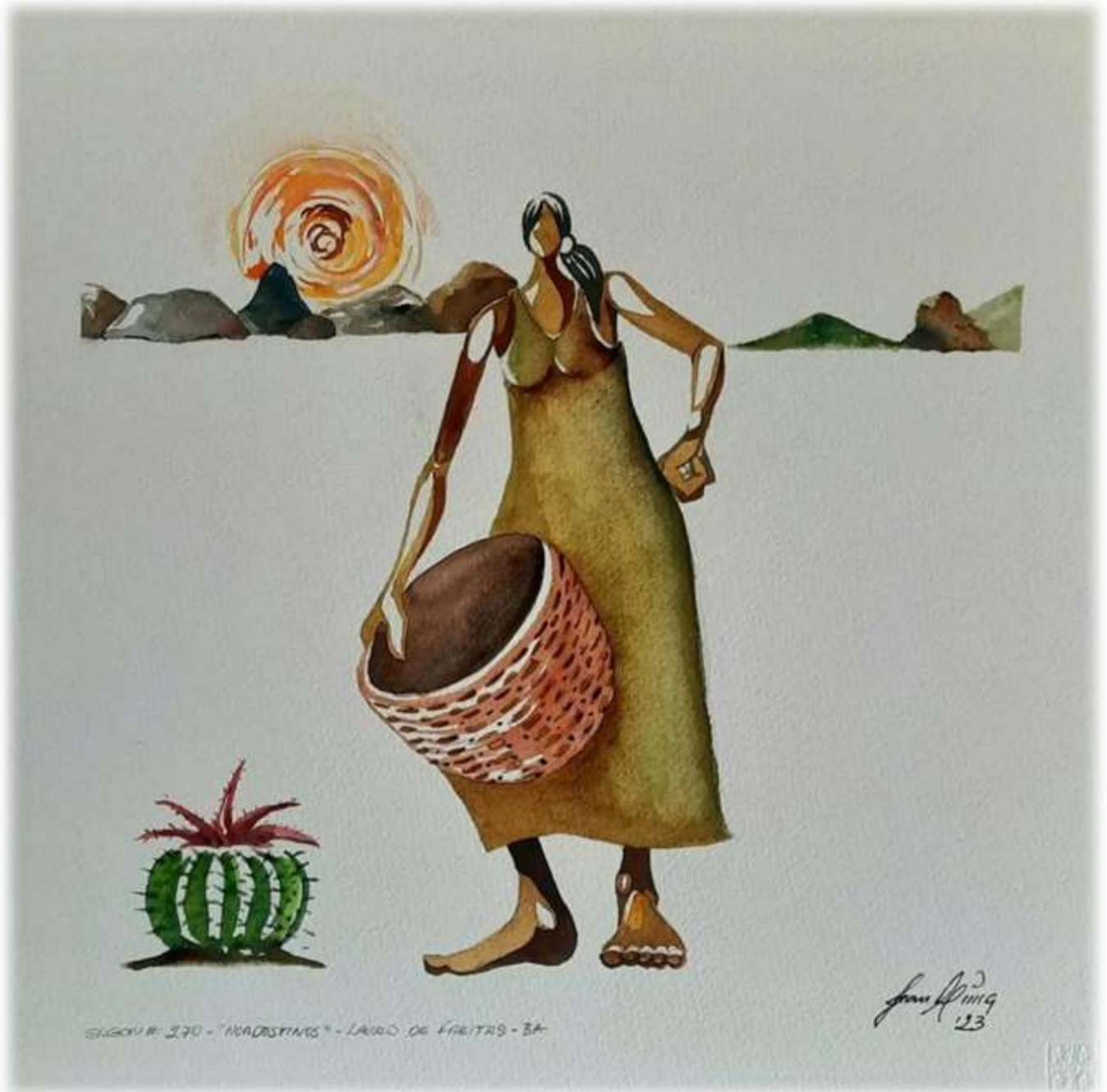
Passarinho não tem hora marcada

Nem ponto a ser carimbado

Desperta com a luz amarelada

Do sol ainda quieto, acanhado

Voa com meu avô, rimando revoada...



Jean Lima: Indo buscar

MARIE-ROSE ABOMO-MAURIN

Kribi ! Sonho de toda garota dos grotões como tu,
Morando na estrada, os carros indo e vindo
Descendo para a Costa, levam nossos desejos infantis
Subindo, vão trazendo, diariamente,
o que o sonho alimenta.

O Oceano que faz sonhar os da floresta
A extensão de água que dá a impressão de um universo de possíveis,
O mundo não comporta mais velhos maridos traumatizantes
nem rivais se passando por madrasta
Capaz de constranger a garota a se unir
e receber uma semente que o seu ser aviltaria.

Oh, Kribi, teu nome soa como
uma chamada para a evasão
O sonho, a aventura.
Terra de onde carros desembarcavam de navios
Porque Sanda Zabe¹ não está longe,
e a Europa ao alcance da mão.

Kribi do chamado das sirenes dos transatlânticos prontos para ao longe vogar ;
Kribi das lendas de Mamawata com sua cabeleira
Com mágicas ondulações
E pés-cauda de peixe.

Kribi do chamado à liberdade
Ao amor, ao dinheiro !

Kribi dos homens, belos, jovens
Brancos ou negros
Sem semelhança com os velhos dos grotões
Kribi porque é Kribi o nome de sonho !
Kribi como Kaélé
Sempre em K de Arkangelo², de Moneko
Onde vão se refugiar todos os amantes apaixonados por liberdade.

¹ É o que nossa gente dizia

² Quem viveu nos anos 70 conhece bem.

Ó, tu, mulher,
És uma desconhecida,
Tu nos abandonaste,
És aquela que não merecerás ser chamada de mãe
És a indigna
És a fugitiva,
Não mereces nosso amor
És indigna de nossa presença ao teu lado
Tu que me fizeste desempenhar papéis beirando os limites de...
Nem ousa dizê-lo.
Tu que usaste uma criança para ...
Me recuso a dizê-lo
Tu que foste capaz de jogar tua criança...
recuso nomear este gesto.
Tu que foste responsável por certos golpes recebidos por mamãe,
Não quero te cumprimentar,
Não quero te falar,
Não quero te ver
Não queremos te ver
Nós devemos te odiar,
te detestar,
te ridicularizar...
Te enxotar de nossas vidas
És a indejável
És a indesejada
Tu que nos renegaste !

Tu que foste capaz
de jogar tua criança...
Nem posso lembrar teu gesto

,
Não quero te cumprimentar
Não quero te falar
Não quero te ver
Não queremos te ver
Devemos te odiar
Te detestar
Te enxotar de nossas vidas
Tu és a indesejável
Tu és a indesejada
Tu, que nos renegaste

Tu és uma desconhecida, eu não falo às desconhecidas.

Tu nos abandonaste, nada tenho a dizer-te.
 Não mereces que eu te fale,
 Não mereces o nome de mãe,
 Tu és uma mulher indigna
 Tu és uma nojenta fugitiva
 Tu não mereces o amor dos filhos que nós somos
 És indigna que eu te fale neste momento
 Tu que me fizeste correr sobre o cemitério dos anciãos.
 Eu não ousa dizer o quê tu mereces
 Tu que te serviste de minha inocência
 Eu recuso te falar.
 Tu que me deixaste sozinha à beira do rio
 eu recuso a te dar uma oportunidade.
 Tu que sempre provocaste a cólera do pai,
 Eu não quero te cumprimentar,
 Eu não quero te falar
 Eu não quero te ver,
 Não queremos te ver,
 Nós devíamos te odiar,
 Te detestar,
 te ridicularizar..
 Te enxotar de nossas vidas.

« Oh, mulher que não reconheço mais ! Por que me fizeste isso ? Sou apenas uma garotinha ; uma garota que tenta passar despercebida numa multidão ! Sou apenas uma menina que tenta, com seu irmão, voltar à cabeceira de Mamatata, a primeira esposa, que dizem estar muito doente. Talvez seja a última vez que a vejamos »

Ó tu, mulher, que partiste
 Por que nos entregas à multidão
 Multidão de desconhecidos
 A multidão dos que nada sabem de nós
 A multidão dos que a gente não gostaria de ver .
 Tu choras, tu tens sem dúvida razão,
 Mas nós, que devemos fazer ?
 Tu gritas, tu tens tuas razões,
 mas nós, nós nada pedimos.
 Tu clamas por socorro ao povo
 mas quem dará ouvidos às crianças ?
 crianças contra uma adulta ?
 Uma adulta sua mãe dizendo ser.
 Com o dedo vão nos apontar,
 Ingratos, vão nos chamar,
 mal educados, vão nos nomear.
 vão sobre nós escarrar,

vão nos amaldiçoar,
em nossa passagem, o rosto vão virar,
ó mulher que partiste,
por que aos teus filhos traíste ?:

Homem, ó tu, este desconhecido,
de onde vens ?
Para onde vais ?
No que te intrometes ?
Tu contas tua vida,
Tu nos obrigas a tua vida escutar,
A gente não te conhece,
Meus irmãos não te conhecem,
Eu, menos ainda.
Nada temos a fazer juntos,
Não temos porquê conversar

★

Ó mortal que em tudo te intrometes,
Que fala para dizer alguma coisa
Sem pensar no que diz!
Tua jovialidade não me agrada
És demasiado gentil
Para ser honesto,
Fazes perguntas demais
Para quem tem boas intenções!
O país fervilha de gente como tu
Inquisidores que perguntam
vasculham, bisbilhotam.

★

Não estou segura de gostar de ti,
Tu queres informações,
Tu procuras saber
Tu procuras compreender
E eu, eu não gosto de ti.
Porque teu desejo de saber,
tua voz melíflua,
Teu riso que não acompanha teus olhos
Te fazem suspeito aos meus.

★

E depois, tu falas,
Tu não nos ajudas,
Tu dás voltas ao redor do carro,
Recolhendo as informações
Que tu mesmo vais dar
não sem antes amplificá-las,
que arrancarás do contexto,
extirpadas de toda verdade
trituras segundo teu espírito inquisidor.

★

Homem, tu não nos ajudas
Tu não nos conheces
Mas queres descobrir nosso mistério
Queres saber quem somos
De onde viemos
o que vamos fazer.
Vais quebrar nossa surpresa
Anunciar a notícia de nossa chegada

Armar braços ferozes
para nos combater
Antes de nos ter escutado!
Excitar a cólera dos aldeões
Sem nos ter deixado falar.

★

Homem, eu não gosto de ti
Tua gentileza da boca pra fora
Não acompanha teus olhos
E são eles que falam
que informam sobre o homem
que dizem a verdade,
que expõem quem fala.
Homem, não gosto de ti
Teus olhos não me falam,
teus olhos se esquivam.

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

Minha mente sempre rebelde
se recusa a acreditar que seja
preciso um dia para
a Mulher,
Um dia para aquela que tem
sempre necessidade
de mais de trinta e seis horas
entre uma e outra noite
para completar uma jornada!

Minha mente
sempre rebelde
recusa
Esta redução
Em uma jornada
De uma atividade
sempre
impressionante
Sempre múltipla
que nunca para!
Eu recuso ser
a mulher de um dia,
de um tempo,
de um lapso
de tempo
Para me inscrever
na eternidade
do movimento!

Minha mente de mulher sempre rebelde
Me proíbe de acreditar no espaço limitado
de um conceito de “Dia internacional

da Mulher”

Para melhor apreender o que vale a vida

Quando a mulher a leva

a controla

a gerencia!

E tu me dirás: igualdade

dos salários,

Se tu quiseres!

E tu me dirás: igualdade dos direitos,

se quiseres!

E me dirás, ainda:

escolarização,

educação,

Se quiseres!

E me dirás, ainda:

A mulher não está pronta.

Oh, tu,

para de esbanjar

tantas insanidades!

Insanidades que me

lembram essa

assembleia de autoproclamados doutos inteligentes!

Dizer que se divertem?

Seria pouco.

Então, a mulher

Pronta, para quê?

Ela já não sofreu tudo:

Desigualdade salarial

Desigualdade social

Desigualdade política

Desigualdade econômica

Estupro,

violência,
Silêncio?

Ela já não escutou tudo:

Imprestável!

Inútil

Ninharia

Moeda de troco

Para!....Por favor, para!

A mulher é mãe

mas só respeitam a sua própria

A mulher é irmã,

Mas tu só respeitas a tua

A mulher é filha

Mas ele estupra

tanto a sua,

quanto aquela do seu amigo.

A mulher é de ouro

mas regularmente

tu pilhas teu

próprio ouro!

Entretanto, assim que ela desaparece

começam a gritar:

« Um único ser

lhe falta, e o mundo está despovoado!»

Basta que ela desapareça,

e gritam com o poeta

Seu estatuto de amante

inconsolável!

Basta que ela se ausente

Envenenam-se em
ideias sombrias!

Minha mente de mulher
sempre rebelde
Me proíbe de aceitar
o espaço limitado
De um conceito “dia internacional
da Mulher”
Para me inscrever na
eternidade do movimento !

Vertigem de um movimento cósmico
onde as estrelas
dançam sempre com a lua
Vertigem de uma existência sem droga,
sem alucinógeno,
Mas turbilhão de uma vida que
abarca as ideias
que abraça de braços abertos a existência
Mas valsa onde
o movimento escreve minha
dignidade
Minha honra, a felicidade à qual aspiro!

Minha mente sempre
rebelde se recusa
A acreditar que seja preciso um dia para
aquela que sempre teve necessidade
de mais de trinta e seis horas
Entre uma noite e a seguinte

porque é preciso continuar

sua inscrição no mundo

Jamais lançar âncora

um só dia

Mas vogar na

eternidade da

complementaridade

Da complementaridade com o homem,

com o mundo,

Para núpcias sem fim

que farão com que o mundo

seja para sempre

um refúgio de paz,

um lugar de felicidade!

A Mulher

Veio da noite dos tempos,
do nada, como o homem
ora seu companheiro,
ora seu rival,
quase sempre pouco amigável.

Ela saiu do fundo
da escravidão de múltiplas formas,
Abatida, ferida, mas sempre
combatente! Uma guerreira!
Seu combate vem das noites
do tempo. Eterna Eva,

Desde o começo culpada, pois aliada
da serpente para corromper, enganar.

E eis que aqui lhe dedicam um
dia de reconhecimento

Um só dia num ano
de mil e uma misérias.

Eis que instituem, insidiosamente,
que ela tem direitos.

Quem contou seus deveres?

Então, ela se levanta. Ela é Eva.

Ela recusa o destino imposto.

Ela recusa que lhe prescrevam sua vida,
sua existência, seu corpo.

Ela se ri dos prescritores e dos
palradores de toda espécie,

pois aqueles não vivem nem
em sua intimidade,

nem em seu desejo

Sempre ardente, não importa a geografia
dos lugares de sua presença.

E eis que lhe dedicam
um dia em séculos

de culpabilidade instituída pelas lágrimas,

Eis que decidem, unilateralmente

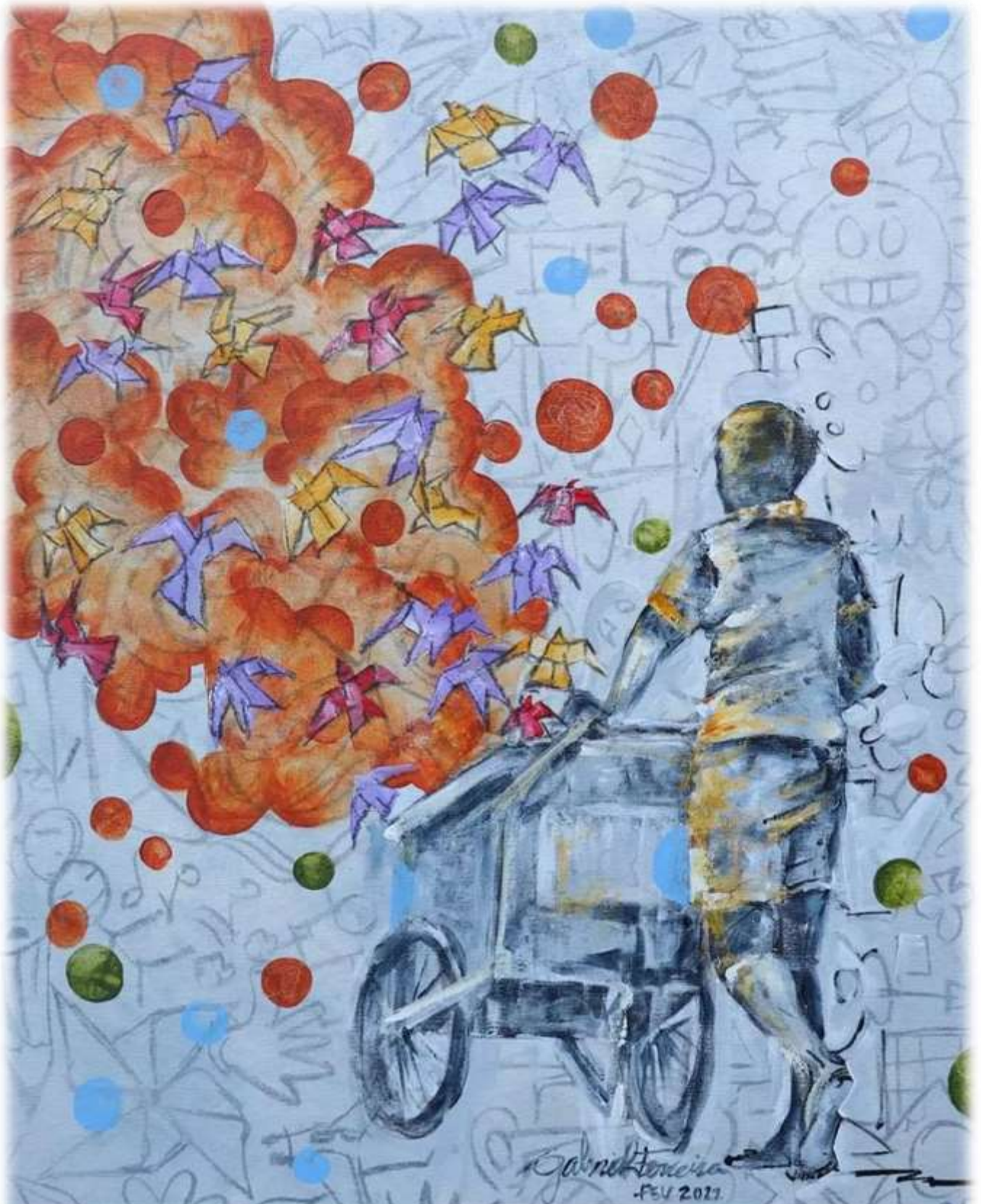
lhe conceder direitos.

Quem conta suas provações ?

Eva, a Mulher de todos os tempos
e de todos os espaços, se levanta.
Ela não uiva como os lobos nem
gane como os cães.
Mas ela construiu seu reino,
forjou a eternidade de seu ser.
Ela levanta bem alto os galardões
do mundo que ela sustenta
solidamente;
ela os segura com uma só mão,
para melhor escalar facilmente
As montanhas de obstáculos devidamente
construídos sobre sua estrada,
Para melhor percorrer os caminhos
venenosos de sua rota.
Ela avança. A Mulher avança.
Ela não está mais longe da meta
com sua humana inteligência!
Que suas lutas e seus direitos brilhem

Como sua humana inteligência!

(traduzido por Humberto de Oliveira)



Gabriel Ferreira: Colé?

MOHAMMAD ZIAR***I******Acordo ideal***

Também os sonhos
têm seus princípios.
Se a eles demais nos entregamos,
se acostumarão a nos ocupar.
Entre mim e o sonho
existe um perfeito acordo :
Ao acordar, raramente, um bom dia,
Já à noite, sempre nos encontramos
e do sono partilhamos.

II***Estranha solidão***

Escrevo minha solidão no vento
Ele para
Eu a escrevo sobre a pedra
Ela explode
e passo antes que desmorone

Diz uma palavra, eu disse
e tu atiraste um olhar
um olhar cheio de nada dizer
Teu último olhar

Ora, minha solidão
está plena de não-dito
Eis porque
Nada pode suportá-la
Nem o vento, nem a pedra
Nem minha memória.

(traduzido por Humberto de Oliveira)



Pita Paiva: O cantador e o passarinho

MOHAMED MAHIOUT**Paralisia do sono**

A cidade sonâmbula

onde jazem os edifícios.

Suspensos sobre a fiação

poleiro de nocivos profetas

São eles

TODOS

que avançam os sinais vermelhos

e farejam a febre dos para-brisas

ELES

O sangue negro

que desliza nas artérias da cidade

Esmagando o asfalto

E o suor dos passos

Forte é a mão de índice endurecido

O cigarro vitorioso e a unha lixada

Estampam as máscaras rasgadas

Os leitos úmidos

De suor frio

O gatilho torpedeado não os atinge

O sangue pesa em sua pança

E lustra seus corações

O arame farpado

O rosário

A liberdade

E o painel luminoso

A noite vomita uma escada rolante

A rampa não sai da mão

É então que os muros

Amassados de furtivas aparências

De avisos de busca

De amores apedrejados

De lixo pútrido

De juventude riscada

De miragem de cal

De crime agendado

E de urina de demência

Interrogam a noite :

Quem, cairá ? *

* Disneylândia

Spathiphyllum,

Bentalha...

Promessa voltaica

Em outro texto intitulado poema

ele piscará na tesoura de podar

O fogo maligno do cabo de cobre.

No punho fechado,

O suspiro da cidade.

Mas,

Para qual Revolução ?

De repente, assim que a cidade escurecer

chegará ao mundo o lugar selvagem

que gera o espinheiro silvestre

Quando a hora terá soprado o último braseiro

quando ela terá desafiado o girino e a sede

Quando a fome tiver azulado as entranhas de mil tempestades

E quando o verbo ensurdecido saberá se calar,

Baterá então o sílex

E o barulho da matilha

EXÓRDIO RÚSTICO , SOBRE FUNDO DE OCTAVE BLANC.***AZELMADH***

Emboscado no exercício respiratório,
Retenção do sopro.
Sinuosamente,
Deslize, sobre o caminho de videiras negras,
Constância, de visões pendentes
e cachos que se agarram no Caminho.

Pedras negras e opalinas,
casca das margens e ageusia das palavras
Clarão suculento, o lustro de cada grão.
Depois, no fim da prateleira,
Um degrau.
Sobre o vento acalmado da colina
O céu vazio e azul.
São as vontades de conclusão que o estimulam
impetuoso na escalada dos degraus
Para se manter no ardor da torrente.
Desde então,
Visões,
Eclosão,
Um halo aureola a tribuna
Uma nebulosa
De luz

De sombras
De silhuetas
confirmam o véu das pálpebras ceríferas.

Tentadas,
Estas almas escuras
Escapam
por brilhantes ruelas.

Alemmas

Sete sombras,
Interstícios de candelabro
Rosários, terços de trigo
marrons brilhantes sobre o mármore
Infinitude de alfenas
adornadas de pétalas e de violetas,
Que fenecem e secam,
depois renascem
Tão logo a frente toque o chão.

Ayeffus

*Um passo. Outro, ainda.
Ou não.
Mais de qual lado te encontrar?*

Por mais longamente que tenhas pisado o chão
flutuado sobre os sussurros dos campos
Pela aurora nascente
E pelo denso sombreamento
A Mão estendida
te sustentava com força.

CENOURA ENGRAVATADA

Eles chegam

submetidos- verticais

adornados

de gravatas vertebrais

anunciando a elegância do mestre

a porta giratória

não tem batente

mas o movimento que defeca

a alegria,

a comunhão,

para a paixão

e a desolação

a fração

da roda de água

Motus !O mestre disse :

sem testemunhas -

Seu pé de meia é o que menos falta !

(traduzido por Humberto de Oliveira)



Gabriel Ferreira: Vento

RAMANUJAM SOORIAMOORTHY***I***

Não sendo o futebol nenhuma brasileira invenção
No Brasil conheceu a suprema revolução
Que, de um jogo banal, fez uma arte de extrema
Virtuosidade, símbolo de perfeição

Muito mais que isso, de toda uma nação,
Ou quase, o futebol torna-se a própria arma
Contra os excessos do estrangeiro de cara pálida
Sedento de injustiça e de dominação.

Porque no Brasil, este jogo, para o escravo um meio
Foi de provar ao senhor sua inferioridade
Face àqueles que ele tratava vinte vezes pior que aos cães.

Ainda agora, ele exprime a liberdade
O desejo no pobre que sonha grandeza
para si, para seu país, e também o esplendor

II

Garrincha, bola no pé, sublime mágico,
Tal um deus no estádio, milagres realizou.
Como para se divertir, tendo o esquecimento único
Para inspiração, do que não é olímpico.

.

Para muitos e não apenas para os brasileiros,
É o maior de todos, pelo futebol engrandecido.
Ele que fez sua arte serenamente enobrecida,
Garrincha que, na terra, sabia ser aéreo.

O drible no Brasil foi no início uma técnica
Para fugir a qualquer contacto com um adversário
Capaz de reações terrivelmente satânicas

Mas, graças a Garrincha e ao fervor
popular que suscitou, o drible, logo em arte
do Brasil, irradiante estandarte se tornou.

III

Antes de Didi, Vavá, Pelé e Garrincha
da lendária equipe do Brasil na Suécia,
a primeira que o título mundial levantou
já o grande Leônidas da Silva brilhou.

Aquele que, um dia, a bicicleta inventou,
« Diamante negro », apelidado por seus amigos cuja ajuda
Inútil era para quem a si mesmo se sucede.
É também aquele que o futebol samba criou.

Está na origem do mito do mágico
brasileiro, jogador de futebol, artista enfeitiçador,
Por todos admirado, mesmo por aqueles que nada-enxergam

Diz-se mesmo dele que tinha um talento
inteiramente brasileiro, e também hoje
Por este dom, todo seu, se lhe agradece.

IV

Dentre todos o maior, talvez seja Didi,
Seguramente como jogador, bem mais como ser humano.
Porque, ainda que fosse esplendidamente sobre-humano,
o jogador era de uma muito doce simplicidade.

Flamejante, sem querer, evoluindo sem empurrar,
Trazia a vitória certa
Quase sempre, e com certeza, cada vez que a mão levantava
Mesmo quando para a cobrança lhe mandavam.

Onde quer que fosse, Didi sempre oferecia uma imagem
De majestade ou ainda de santidade,
O apanágio, em todo o tempo, dos autênticos sábios.

A genialidade deste homem de fato consistiu
em fazer de um esporte bobo um soberbo ato de amor
O que ele fazia sem e não sem alguma marca de humor.

V

O *jogo bonito*, expressão que se deve
a Didi, só tem sentido no Brasil, esta terra
onde, bem mais que uma religião, um mistério,

É o futebol que une, como a mão aos dedos.
Um povo do qual se poderia com razão afirmar
que ele é como o solitário criador.
E que é graças ao futebol, esse novo Júpiter
Que o Brasil agradecido habilidoso sabe ser.

A expressão que testemunha o jeito brasileiro
A folha seca, é um poema que Didi
Num estádio, com um mágico passe de bola criou.

Uma linguagem, um ritual que combina o dito
e o feito, o dizer e o fazer, tal no Brasil
é o futebol, uma festa que se diria paradisíaca.

VI

Edson Arantes do Nascimento, o nome
De um eterno rapaz rei do futebol tornado,
pela única virtude de seu talento reconhecido,
Por todo o universo que só sabe o seu apelido.

Pelé, de longe superior a Agamenon
que todo um exército levantou para ser reconhecido
de Troia o vingador, só de uma bola precisou
para no topo do mundo fazer seu nome brilhar.

Uma vida onde o real os limites ultrapassa
da ficção, entretanto, inimagináveis:
é bem esta de Pelé, que tudo sobrepassa.

Nele, a realidade, incomensurável,
toma ares de mito, ou verdadeiramente, de epopeia,
um quotidiano de maravilhoso revestida.

VII

O futebol é um esporte povoado de muitos deuses,
Sobretudo no Brasil, onde às vezes, chega um
Que, melhor dentre todos, se torna divino como nenhum,
Tal como Pelé, reverenciado por todos e em todo lugar.

Não é como se ele tivesse se despedido,
Dito a Deus, pois os brasileiros são, com certeza
Todos crentes, tomando tal jogador
por um santo
Algumas vezes. E, para eles, o mais brasileiro é Deus.

Ele não é jogador de futebol, mesmo sendo brasileiro;
ou melhor, arquiteto ele é, e se chama Niemeyer.
Do nada, o milagre Brasília ele criou,

Brasília, sinônimo do enigma Niemeyer,
No silêncio sempre mergulhada apesar dos ruídos
Da cidade; mesmo de dia, de noite recoberta.

VIII

O futebol, de início, era apenas um esporte grosseiro ;
Mesmo agora ainda é considerado vulgar.
Feito para o povão, para as classes populares,
Bem indigno para alguns, apenas para balconistas.

Freud acha que para poder este esporte apreciar
É preciso ser homófilo, ou segundo outros, militar;
Borges, indo mais longe, o julga autoritário,
Francamente estúpido, para lamento dos policiais.

A grandeza do Brasil é de ter do futebol feito,
Um jogo quase no sentido do ilustre Mallarmé,
Deslumbrante, deixando o mundo todo estupefato.

Porque o futebol aí se escreve, nunca programado:
Constantemente diferente, sempre imprevisível,
Ao ponto que o jogador se torna invisível.

IX

Que o futebol seja em verdade escritura
E nada mais que espetáculo, como se tende a crer
A escutar aqueles que o gostariam de fazê-lo acreditar,
É no Brasil que significa esta aventura.

Mas os tempos mudaram e uma caricatura
Do futebol brasileiro, desvanece a memória
De seu glorioso passado sob algum funesto moiré,
Substituiu seu antigo vestuário.

Não obstante, a lembrança não está morta
De um jogo onde cada gesto, apenas esboçado
Incontinentemente se apaga, levado pela morte.

Mesmo se repentinamente, amavelmente irritado
um outro gesto, ou movimento majestoso, suceda
Signo que o gesto apaga, mas nunca morre.

X

É sobretudo no Brasil que o futebol escritura
Se revela neste sentido que, tal qual no balé,
apenas executado, cada movimento de panturrilha,
do jogador ou da dançarina, súbito se rasura.

Tudo se passa como se em seu curso, sua tortura,
todo passo só pudesse permanecer incompleto :
Um toque no ar, nada mais que um fogo fátuo,
porque qualquer passo aqui é sua própria sepultura.

Assim funciona o escrito, assim o futebol se cria
Cada um traçando em cada passo para a morte, a via,
A morte que a vida carrega, face a face toda a vida.

O futebol encena o comboio da morte,
A beleza da vida que morre em cada instante,
como uma bola no gol, no estádio o clamor.

(traduzido por Humberto de Oliveira)



Pita Paiva: A Benzedeira e a menina

RITA QUEIROZ***CARTOGRAFIAS***

Cartografei as saudades,
Fotografando os fragmentos em preto e branco.
No curso das horas,
Partilhei insensatas respostas,
Emolduradas nos espaços vazios
Dos campos abertos do desassossego.
Agora, está tudo suturado
Não há mais fiapos.
Escrevo poemas.

CÉU SEM NUVENS***CÉU SEM NUVENS***

Vida por um fio...

Na guilhotina dos dias,

O destino rompe com o cotidiano.

Pedaços de eternidade se perdem pelo caminho,

Deixando as lembranças empoeiradas

À beira da estrada.

Baila-se a última valsa

Na incompletude da fotografia

Que dita a felicidade.

Ficaram os sonhos

E as gaivotas que sorriem

Para a outra face do abismo.

INFINITOS IMPRECISOS

A poesia se esvaiu

E as dores me habitaram.

Pendurei os desejos em stand-by,

Outonando os infinitos imprecisos.

Nas horas úmidas,

Confessei minha fragilidade,

Espalhando fragmentos de mim,

Da dor de existir em outras margens.

Recolhi o sorriso em meio às lágrimas.

Traços suaves me fizeram reeditar mapas,

Na costura da noite em que desaguei invernos.

Ainda pulso poesia

E sonho preenchendo os vazios

Da minha outra face no espelho.

JORRO

Para Tonho França

Piso o escuro,

Ferindo pedras

Na escrita do poema

Sem versos, nem rimas

Apenas jorro de amores perdidos.

Nossa carne, crua, é abismo

Livro banido, sem leitura

Pintado de poesia e saudades.

Queimamos nas madrugadas

E o relógio não marca as horas.

Laçamos o tempo,

Parindo lembranças,

Eternizadas nos olhos marejados

Que banham as palavras.

POEMA DO AMOR AUSENTE

Como esquecer as dores
Que brotam no peito
E insistem em fazer morada?
Como apagar as marcas
Tatuadas no corpo e na alma
Que sangram a cada alvorada?
Como seguir os caminhos
Plenos de incertezas e vazios
Bifurcados em tantos outros destinos?
Como não chorar
Pelas palavras não ditas
No fenecer das horas?
Como romper os laços
De morte e de vida
Guardados na bagagem?
Como entender os sinais
Revirados no baú da saudade
Se as lágrimas ainda mancham minha face?
Como aceitar essa ausência
Tão presente e profunda?
Rasuro os palimpsestos
E não encontro as respostas.
As horas correm infinitamente

TEMPO DE MAÇÃS

As horas correm infinitamente.

E os segredos se misturam

Às cinzas que Cronos espalha.

Desabro meu mundo na força dos sonhos.

Fios de paixão cobrem os silêncios.

Caminho pelo sol, cultivando nossas rimas desencontradas

Em cada fragmento de mar,

Nas cores que navegam calmamente,

No cheiro do vento que arrepia as cronologias.

Sinfonia de memórias no transcurso dos dias

Que adormecem mofados

E alvorecem com os pardais e as violetas,

Mais uma vez enredados nas teias do calendário

A girar a incompletude das maçãs.

COSMOLOGIA

Costuro surpresas

Na inocência de teus olhos,

Desalinhando teus passos

No entremeio de nossas bocas.

A insustentável leveza de nossas horas

Desterrada das cinzas que colorem

Nossas margens distantes e frias

Fazem girar o mensageiro dos ventos.

Somos pássaros aflorando centelhas,

Proferindo palavras indizíveis,

Ocultas nas promessas do caminho

Escritas nas paredes do destino.

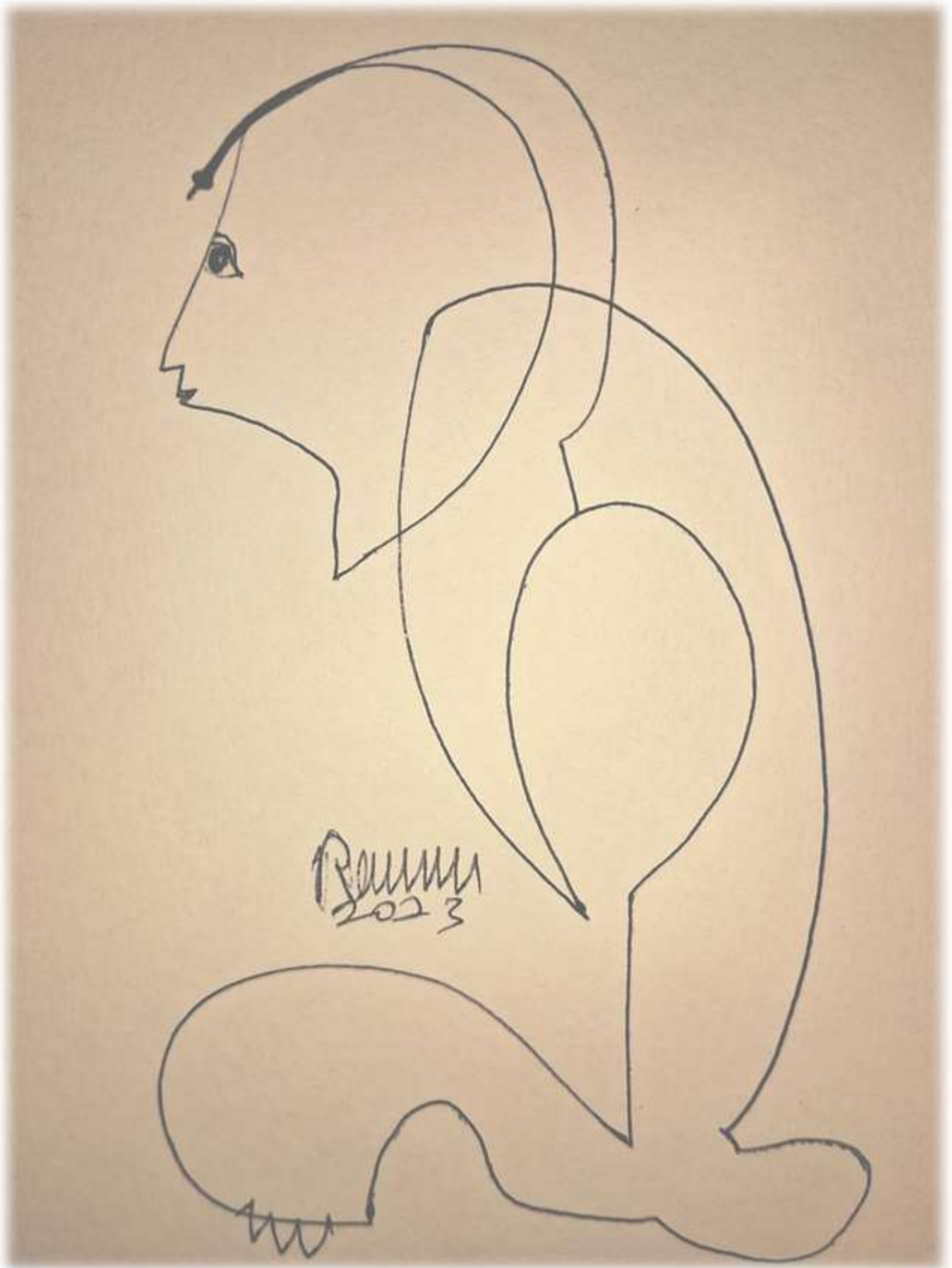
O espelho traz todos os (des)enganos

Invisíveis, inaudíveis, inexatos,

Revelando a incompletude dos sentidos,

Cambaleantes nos trilhos vencidos.

.



Roberval Pereyr

ROBERVAL PEREYR**CANÇÃO DE VIAGEM**

A esperança é uma velha cega
que mapeou meu destino.

Vou me afastar dessas terras
aradas com teus lamentos.

Em meu latifúndio (o imo)
criei licornes e faunos,

um rio de pássaros calmos
nadando no pensamento.

Vou refazer meu destino
nas rotas móveis do vento.



Jean Lima: O vendedor de jaca

RONALDO DA PAIXÃO**OFERENDA**

Aos azuis em que a ostentam de viventes dias:

(de preferência)

seus vestidos:

com vistas

para os seus ombros

e

para o seu dorso

onde o vento intrépido

esculpiu a cordilheira.

VEREDA ACESA

No aprendizado

do voo,

nenhum pássaro

se espantava

em

chão.

Na arquitetura

do pouso,

qualquer céu

se espantava

em

pássaro.

ADÁGIO

Tento personificar a sorte
com adágios.

Tento restituir
acazos

com deuses de adagas
férozes.

Ronaldo da Paixão 29/03/2018

VULNERÁVEL

Meu pai

rajava com suor

o pó emperrado das coisas

plagiando esperanças.

Eu

me embrenhando

em sonhadas auroras

na dádiva de interpelar

inconsequências divinas

ATO FALHO

morrer...

morrer é atrelar consigo

silêncios incorrigíveis

ou se desbotar no desdito.

morrer é fazer de si armadilha

para luzeiros errantes,

descamar a dor

que já não penumbra nas entranhas.

morrer consiste em salvaguardar,

nos outros,

itinerários recorrentes

embrulhar prazeres e fossilizar sandálias.

.

é das vizinhas, transferir a solidão

de domicílio, ficar na berlinda

dar ao inútil

convicções de sua propriedade.

pôr no rio mais uma gota

e do reduto das ausências

fender o prestígio das coisas

estampando um balbucio derradeiro.

morrer...

morrer é o sopro

da face crua do tempo

desequilibrando, desequilibrando

no limiar do tudo à certa altura do nada

morrer... é a vida: tão segredo e etc!



Gabriel Ferreira: Sanfona Sentida

WILSON BERNARDO**FLORES ETÍLICAS**

Domingo de flores artificiais

Com cheiro de amêndoas estragadas.

A solidão

Alimenta a morte e satisfaz

O desejo do caos.

Dentro de garrafas vazias

A história embriagada de

Pessoas alucinadas pela embriaguez.

VELÓRIO

A vida ausente

Missa de corpo presente

O sanfoneiro descrente

De quase tudo

Passa a noite foleando

O luto

É bêbado prá tudo que é

Canto de parede

Festejos da morte o corpo ausente.



Foto: Orlando Sampaio: Povoado de Poço Grande

COLABORADORES / COLABORADORAS



ABDELAZIZ AMRAOUI : <https://orcid.org/0000-0002-3791-4960>

<https://ucam-ma.academia.edu/AbdelazizAmraoui>



ADY SÁ TELES SANTANA : <http://lattes.cnpq.br/8572079537058998>

[Facebook](#)

[Ady SáTeles Santana \(@sattelles\) • Fotos e vídeos do Instagram](#)



ALEILTON FONSECA : [Aleilton Santana da Fonseca \(@aleilton.fonseca\) • Fotos e vídeos do Instagram](#)



ANDRÉA SANTOS : [Andréa Santos \(@andreasantospoesia\) • Fotos e vídeos do Instagram](#)

[Andrea Santos | Facebook](#)



ANGELO PIOVISCHINI :

https://www.instagram.com/lettera_magna/?utm_source=qr&igshid=NGExMmI2YTkyZg%3D%3D



ANTONIO BRASILEIRO : [Antonio Brasileiro \(@antonio.brasileiro.borges\)](#) • Fotos e vídeos do Instagram



ANTONIO GABRIEL EVANGELISTA SOUZA : profantoniogabriel@gmail.com



ASSIS FREITAS FILHO : [Assis Freitas \(@assis.freitas.9\)](#) • Fotos e vídeos do Instagram



CECÍLIA RODRIGUES MULIECA :

https://www.instagram.com/cecy_gordelicia/?igshid=MzNlNGNkZWQ4Mg%3D%3D



DANIELLE FORGET : [Artiste | Danielle Forget \(danielleforgetart.com\)](http://Artiste | Danielle Forget (danielleforgetart.com))

<https://pt-br.facebook.com/danielle.forget.39>



CLAIRE VARIN : [Claire Varin – Écrivaine](#)

[Fondation lavalloise des lettres \(fondationlavalloisedeslettres.org\)](http://Fondation lavalloise des lettres (fondationlavalloisedeslettres.org))



EDUARDO VAGO:

[Eduardo A.Vago Pereira \(@autor_eduvago\) • Fotos e vídeos do Instagram](#)



HORIA BADESCU : <https://www.wook.pt/autor/horia-badescu/1674217>



JOSÉ GERALDO MARQUES : <https://ufal.academia.edu/Jos%C3%A9GeraldoWMarques>



JOSUELENE SOUZA : [Josuelene Souza \(@josuelene\) • Fotos e vídeos do Instagram](#)

<https://www.facebook.com/josuelene.souza?mibextid=ZbWKwL>

https://www.youtube.com/@josuelenesouza3612?fbclid=PAAabQkCrBIDuxYBOINw-5T60DP0IJ_ml-wt3RWuLXF88xYSzFSQ-oHpyKhJA

<https://www.recantodasletras.com.br/escrivaninha/login/>



LIVIANE ATAÍDE SANTANA : [Liviane Ataíde Santana \(@livianne_ataide\) • Fotos e vídeos do Instagram](#)



LUBOMIR GUENTCHEV : [Lubomir Guentchev — Wikipédia \(wikipedia.org\)](#)



LUÍS CLÁUDIO PARANHOS : [Luis Paranhos Escritor \(@ luisparanhos\) • Fotos e vídeos do Instagram](#)

luis.paranhos.cruz@hotmail.com



LUIS RESENDE : [Luis Resende \(@luisrobertoresende\) • Fotos e vídeos do Instagram Facebook](#)



MARIE-ROSE ABOMO-MAURIN : <https://www.parlement-ecrivaines-francophones.org/member/marie-rose-abomo-maurin/>

https://fr.wikipedia.org/wiki/Marie-Rose_Abomo-Maurin



MOHAMMAD ZIAR : [Mohammad Ziar \(@ziar_mohammad\)](#) • Fotos e vídeos do Instagram

[@lettresfrancopersanes](#)

mohaziar16@gmail.com



MOHAMED MAHIOUT : <https://www.facebook.com/mahioutmoh/>

<http://unenmedee.mn/111>

<https://medium.com/flare-photoforum/seing-sur-terre-interview-avec-mohamed-mahiout-a7254b7e4c53>



RAMANUJAM SOORIAMORTHY : [\(3\) Facebook](#)

[sunshine \(sooriamorthy.blogspot.com\)](http://sunshine(sooriamorthy.blogspot.com))



RITA QUEIROZ : [Rita Queiroz \(@ritaqueirozpoesiando\)](#) • Fotos e vídeos do Instagram

[Facebook](#)



ROBERVAL PEREYR : [Roberval Pereyr \(@robervalpereyr\) • Fotos e vídeos do Instagram](#)

<https://www.facebook.com/profile.php?id=100009352199042>



RONALDO DA PAIXÃO : elcanhoteiro@hotmail.com



WILSON BERNARDO : +55 88 9 8834-0502



ANTONIO WILSON SILVA DE SOUZA: [Desenho: ciência e arte \(@desenhocienciaarte\)](#) • Fotos e vídeos do Instagram



DENISE MARIA GUARGEL LAVALLÉE: [Vista do Entrevista com Denise Maria Gurgel Lavallée \(uneb.br\)](#)



EVAIR TEIXEIRA E SILVA: [Evair Teixeira \(@evairteixeira\)](#) • Fotos e vídeos do Instagram
[Facebook](#)



HUMBERTO LUIZ LIMA DE OLIVEIRA: <https://www.instagram.com/profhumbertooliveira/>



MARIA JOSÉ BRUST: [Maria José Brust \(@brustmariajose\) • Fotos e vídeos do Instagram](#)



TAKIKO NASCIMENTO: <https://www.escavador.com/sobre/3930682/takiko-do-nascimento>



DILMA MARIA MELLO: <http://lattes.cnpq.br/8539603114398419>



GABRIEL FERREIRA: [Esboços \(@gabrielferreirapreto\)](#) • Fotos e vídeos do Instagram



JEAN LIMA: [Jean Lima \(@jeanlimadg\)](#) • Fotos e vídeos do Instagram



MÁRIO ROSÁRIO: [Mário Rosário \(artrosario.blogspot.com\)](http://artrosario.blogspot.com)



PITA RAMOS: [Pita Paiva \(@pitapaiva20\) • Fotos e vídeos do Instagram](#)



ORLANDO SAMPAIO: [Orlando Sampaio \(@orlandosampa\) • Fotos e vídeos do Instagram](#)
[Flickrriver: Photos from sampaio](#)

**APOIE NOSSA REVISTA
FAÇA UMA DOAÇÃO**

PayPal Brasil :

2008humberto@gmail.com

PIX :

cadernosdosertao.wordpress@gmail.com



Mario Mariano Rosário